

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

DENISE SANTANA

JORNALISMO, RELIGIÃO E ÉTICA:
ABORDAGEM JORNALÍSTICA DA RELIGIÃO EM TELEJORNAIS
BRASILEIROS NO SÉCULO XXI

São Leopoldo

2014

DENISE SANTANA

JORNALISMO, RELIGIÃO E ÉTICA:
ABORDAGEM JORNALÍSTICA DA RELIGIÃO EM TELEJORNAIS
BRASILEIROS NO SÉCULO XXI

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Orientador: Júlio César Adam

São Leopoldo

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S232j Santana, Denise

Jornalismo, religião e ética: abordagem jornalística da religião em telejornais brasileiros no século XXI / Denise Santana ; orientador Júlio César Adam. – São Leopoldo : EST/PPG, 2014.

70 p. : il.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2014.

1. Bonhoeffer, Dietrich, 1906-1945. 2. Comunicação de massa – Aspectos religiosos. 3. Televisão na religião. 4. Ética jornalística. 5. Jornal Nacional (Programa de televisão). 6. Jornal da Record (Programa de televisão). I. Adam, Júlio César. II. Título.

DENISE SANTANA

JORNALISMO, RELIGIÃO E ÉTICA:
ABORDAGEM JORNALÍSTICA DA RELIGIÃO EM TELEJORNAIS
BRASILEIROS NO SÉCULO XXI

Trabalho Final de
Mestrado Profissional
Para obtenção do grau de
Mestra em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Linha de pesquisa: Ética e Gestão

Data:

Júlio César Adam – Doutor em Teologia – EST

Remi Klein – Doutor em Teologia – EST

|

DEDICATÓRIA

Junto com minha gratidão,
dedico esta dissertação a Deus,
meus pais (José e Izabel),
irmãos (Sérgio e Cleide),
cunhados (Leonardo e Kênia)
e sobrinhos (André, Bruna, Bianca e Rafael).

RESUMO

Reportagens dos dois maiores telejornais do Brasil – Jornal Nacional e Jornal da Record, foram selecionadas para analisar o que a imprensa publica sobre religião. A área de Jornalismo juntou-se os temas religião e ética. Para fundamentar a pesquisa foram selecionadas as ideias do teólogo Dietrich Bonhoeffer. Ao contrário do que se pensava nos anos de 1960, o mundo não se tornou secular e distante do sagrado. Pelo contrário: cada vez mais as pessoas buscam experiências com o sobrenatural. No mundo pós-moderno existe a prática da fé e os dados oficiais do governo federal mostram que, no Brasil, a religião anda em alta. Isso demonstra que o ser humano não consegue desvencilhar-se do fascínio da religião. A imprensa é a grande formadora de opinião. Por esse motivo a televisão foi o veículo escolhido para analisar o que se publica sobre a fé. Foi produzida uma análise sobre comunicação de massa no contexto brasileiro. Outro enfoque pesquisado foi sobre os pontos positivos e negativos da TV, maior meio de comunicação de massa do país. Outro ponto analisado na pesquisa foi o cenário religioso da atualidade que precisa ser entendido pelos jornalistas que se propõe a redigir sobre a fé. Enfoca-se a questão ética dentro do Código de Ética do Jornalismo e ainda aponta as vantagens de o profissional observar o código no trabalho diário.

Palavras-chave: Ética. Jornalismo. Religião. Comunicação de Massa. TV.

ABSTRACT

Reports of the two major TV news from Brazil – National Journal and Journal of Record, were selected to analyze what the press publishes about religion. Journalism area joined the religion and ethics issues. In support of research ideas of the theologian Dietrich Bonhoeffer selected. Contrary to what was thought in the 1960s, the world has not become secular and the sacred far. On the contrary, more and more people seek experiences with the supernatural. In the postmodern world there is the practice of the faith and the official data from the federal government show that, in Brazil, religion goes up. This shows that the human being can not disengage from the fascination of religion. The press is the major opinion maker. For this reason television was the vehicle chosen to analyze what is published about faith. An analysis of mass communication in the Brazilian context was produced. Another approach was searched on the positive and negative aspects of TV, most means of mass communication in the country. Another point analyzed in the research was today's religious landscape that needs to be understood by journalists who sets out to write about faith. Focuses on the ethical issue within the Journalism Code of Ethics and also shows the advantages of the professional look at the code in daily work.

Keywords: Ethics. Journalism. Religion. Mass Communication. TV.

TABELA

Tabela 1: DADOS DO CENSO 2010 DO IBGE [2725](#) |

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
1 CARACTERÍSTICA DO UNIVERSO RELIGIOSO BRASILEIRO	19
1.1 A fé não acabou no mundo secularizado	19
1.2 O cenário religioso no Brasil	22
1.3 Os números da fé no Brasil de acordo com o IBGE	27
2 COMUNICAÇÃO DE MASSA E A IMPORTÂNCIA DA TV NO BRASIL.....	31
2.1 Definição de comunicação de massa	31
2.2 A TV no Brasil.....	33
3 A RELIGIÃO NOS TELEJORNALIS: ESTUDO DE CASO SOBRE O JORNAL DA RECORD (JR) E O JORNAL NACIONAL (JN)	39
3.1 Reportagens analisadas	40
3.2 Sistematização e análise das reportagens.....	44
3.2.1 Religiões retratadas	44
3.2.2 Pauta da reportagem	45
3.2.3 Linguagem adotada	45
3.2.4 Conhecimento e preparo do jornalista.....	46
3.2.5 Objetivo das reportagens (audiência)	47
3.2.6 Comparação entre ambos telejornais.....	47
3.2.7 Considerações finais.....	48
4 ÉTICA, OBRIGAÇÃO E DESAFIO PARA O JORNALISMOS RELIGIOSO	52
4.1 Código de Ética do Jornalismo	52
4.1.1 Princípios que regem o jornalismo brasileiro: impacto, furo, sensacionalismo.....	53
4.2 Ética e jornalismo religioso	58
CONCLUSÃO.....	60
REFERÊNCIAS	68

INTRODUÇÃO

O foco principal deste trabalho é aproximar ética, Jornalismo e religião a partir da análise de reportagens veiculadas na televisão, nos dois principais telejornais brasileiros: o Jornal Nacional e o Jornal da Record.

Para que essa missão seja cumprida optou-se por resgatar princípios do teólogo Dietrich Bonhoeffer, a fim de entender como a sociedade – que acreditava-se que seria cem por cento secular, exerce a sua religiosidade no mundo pós-moderno. Ainda para trazer outros interlocutores para embasar e unir os temas, ética, Jornalismo e religião, buscou-se as ideias de autores como Fernando Altemeyer Júnior, Rubem Alves, Niceto Blásquez, Leonardo Boff, Melvin L. DeFleur, Pedro Gilberto Gomes, Stanley J. Grenz, Roy H. May, Alister E. Mcgrath e Julia T. Wood. A motivação para a escolha do tema foi a trajetória pessoal de formação e de atuação profissional nas áreas de Teologia e de Jornalismo.

Existe hoje um modo diferente de praticar a crença. A imprensa publica muito conteúdo sobre fé. E tem-se ainda pesquisa de órgãos governamentais que mostram os dados sobre a religiosidade. É esse cenário religioso brasileiro que é retratado no capítulo um. As pessoas continuam propagando a fé no sagrado. Dados do censo 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontam essa realidade. A era pós-moderna carrega consigo uma prática religiosa que indica que, no Brasil, atualmente 64,6% da população é católica, 22,2% é evangélica, 2% é espírita, 0,3% é do candomblé e umbanda, 2,7% de outras religiões, 8% sem religião e 0,1% dos entrevistados não sabem ou não responderam à pesquisa.¹

Como diz Rubem Alves, o homem faz religião apesar de não entender direito suas origens. O escritor dizia que o ser humano não consegue desvencilhar-se do fascínio da religião. Apesar de muitas vezes ser combatida, não existe cultura alguma que não a tenha produzido.² A realidade da prática religiosa brasileira no pós-modernidade não é a secularização, mas o crescimento religioso. O Brasil não se tornou secular, apesar de ser laico. Pelo contrário. O brasileiro não se perdeu o costume de praticar, mesclar várias crenças. O que no estudo sobre a religião recebe o nome de sincretismo. O brasileiro é assim, sincrético.

¹ *Censo mostra que mais de 15 milhões de brasileiros não tem religião.* Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/29/censo-mostra-que-mais-de-15-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-religiao-homens-sao-maioria-diz-ibge.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

² ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 6ª edição, São Paulo. Editora Loyola, 2005. p. 33.

No capítulo dois discute-se a comunicação de massa e a importância da TV no contexto brasileiro. Traça-se um mosaico que demonstra como a televisão, maior meio de comunicação de massa do Brasil, influencia a vida das pessoas, é entretenimento e divulga ideias e produtos. A comunicação de massa garante expressão e visibilidade a algumas pessoas e pontos de vista (inclusive ponto de vista religioso), ao mesmo tempo que silencia outros. É uma poderosa influência sobre as percepções que temos em relação a notícias, eventos e pessoas.

Como dizia DeFleur e Ball-Rokeach³, a sociedade aceita essa influência e assim crenças, estilos de vida, linguagem, habilidades e vida moralizada são criados socialmente. Tudo influenciado por esse agente social que é a comunicação de massa. Mas, além da mídia, outros segmentos – como família, igreja, instituições, também influenciam socialmente. Ainda há neste trabalho um quadro sobre os pontos positivos e negativos da TV que é o passatempo favorito dos brasileiros nos momentos livres. Aumentou o tempo diante da TV, diminuiu o tempo com os livros.

Justamente por ser a TV tão influente e tão aceita socialmente foi que esse meio de comunicação foi escolhido para análise. Foram selecionadas 23 reportagens para serem estudadas. O Jornal Nacional e o Jornal da Record, os dois maiores telejornais do país, entram nesse estudo de caso. Essa análise sobre os telejornais encontra-se no capítulo três.

Para fechar, o capítulo quatro apresenta o cenário religioso da atualidade que precisa ser entendido pelos jornalistas que se propõe a redigir sobre a fé. Enfoca-se a questão ética, cita pontos importantes do Código de Ética do Jornalismo referente à religião e ainda aponta as vantagens de o jornalista observar o código no trabalho diário. A dica final é implementar, nas universidades, uma disciplina sobre religião para que os alunos ampliem o conhecimento sobre o assunto. Assim como se estuda arte, ética, política, meio ambiente, esporte, economia, a fé é assunto para a academia. Dessa maneira os futuros profissionais teriam maior preparo técnico para redigir sobre religião. Além de entender sobre o tema religião, jornalistas precisam, ainda, cumprir o Código de Ética profissional que determina que é dever do profissional combater a discriminação por motivo religioso. Diz também que o jornalista não pode impedir a manifestação de opinião divergente ou o livre debate de ideias. Nesse contexto estão inseridas a opinião e as ideias religiosas das mais diversas correntes doutrinárias. Também o jornalista não pode usar a profissão para incitar a intolerância, seja de que tipo for,

³ DEFLEUR, Melvin L.; ROKEACH, Sandra Ball. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1993. p. 67.

e isso inclui a intolerância religiosa. Como o conteúdo publicado na imprensa influencia a formação da opinião pública, o jornalista tem a obrigação de redigir pautado na seriedade, na ética, no bom senso. E redigir pautas sobre a religiosidade, ou seja, produzir jornalismo religioso, é um desafio para os comunicadores. Um campo em franca expansão e merece toda atenção em um país tão fervoroso religiosamente falando como o Brasil.

O objetivo da pesquisa é mostrar que há espaço para vender pautas sobre a fé, que existe interesse por parte do público brasileiro uma vez que a religião é praticada por grande parcela da população. O que comprova a prática religiosa no Brasil são pesquisas oficiais do governo federal também mencionadas neste trabalho. Ainda busca-se debater o tema ética entre os jornalistas, resgatar a memória dos profissionais de que o próprio código de ética refere-se à proibição de usar a profissão para promover a intolerância e, nesse contexto, cabe também a intolerância religiosa. Buscou-se, ainda, avaliar o quanto as pautas sobre religião podem melhorar. Para isso, caberia maior preparo dos jornalistas em busca de aperfeiçoamento e especialização na área de religião que é ainda é um mundo a ser explorado pela imprensa brasileira.

1 CARACTERÍSTICA DO UNIVERSO RELIGIOSO BRASILEIRO

A ideia principal desse capítulo é apresentar o quadro da religiosidade do povo brasileiro. Antes, porém, para dar embasamento, recorre-se a aspectos da teologia de Dietrich Bonhoeffer, a fim de entender em que contexto pregava-se o fim da religião. O advento da ciência preconizava o fim da fé para um homem socialmente e cientificamente realizado. Segundo este princípio, o mundo moderno seria marcado pela secularização e Deus ficaria fora do foco social. Foi uma “profecia” que não se concretizou em parte. O cenário atual – tanto mundial quanto brasileiro, mostra que a fé não acabou. O homem do século XXI não deixou Deus de lado, não parou de praticar a religião. A ciência sozinha não preencheu a vida do ser humano. Ainda é importante buscar o sagrado e render-se a ele. Ao final deste capítulo, resalta-se os números atuais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) que revela o cenário religioso no país.

1.1 A fé não acabou no mundo secularizado

Inicialmente, é importante afirmar que a ideia de Deus e a religião não acabaram, apesar da ideia da secularização que coloca fim à fé. Esse movimento foi mundial e também influenciou o Brasil.

Muitos estudiosos pregaram o fim da religião e sua substituição pela ciência. Deus tornou-se desnecessário, é a experiência da ausência dEle no mundo, pois o homem tornou-se autossuficiente. Por trás dessa ideia de fim da religião (da morte de Deus) existem diversas correntes, citadas por Alister E. McGrath (2005)⁴. Foi um momento no imaginário social no qual as pessoas estavam desesperançadas da fé, era uma época sem Deus, onde se valorizava a imanência e a transcendência era negada. Não se acreditava em uma realidade melhor, com Deus. Cria-se no mundo existente.

Nesse contexto da sociedade volta-se para a imanência, negar a existência de Deus - ou mesmo acreditando nEle não desejar ter experiências de fé, que ganha força na Europa as ideias do teólogo Dietrich Bonhoeffer. Em resposta ao pedido de Bonhoeffer por uma interpretação secular do evangelho, teólogos analisaram o fenômeno da morte de Deus no mundo secular moderno.⁵

⁴ MCGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, histórica e filosófica – uma introdução á teologia cristã*. São Paulo: Sheed Publicações, 2005. p. 331.

⁵ MCGRATH, 2005, p. 331.

Por que Bonhoeffer reacende a ideia da morte divina? Porque não queria Deus, só aceitava Jesus. Defendia a ideia de que Jesus seria uma boa resposta para o homem que tinha lutas, dificuldades, doenças. Já Deus estava longe demais do homem, era transcendente. O teólogo defendia a imanência de quê? Ele dizia que Jesus estava próximo do ser humano para ajudá-lo. Mas esse movimento não foi o suficientemente forte. A ideia se apagou. O tema da morte de Deus nunca teve muitos seguidores. Mas o que ficou desse período foi o pensamento de que não havia mais no mundo lugar para Deus. Isso devido à secularização. Entenda-se por secular a pessoa afastada do sagrado, do divino, do religioso, ligada ao mundo, quem vive o agora, dando mais importância para o temporal do que para o que é eterno.

O que restou dessa ideia? O ser humano do século XX estava em processo de secularização (Teologia Secular).⁶ Nessa época tinha-se que falar de Deus para um mundo que acreditava que não existia mais Deus. Então, como falar sobre Deus para esse mundo, a partir do nada transcendental? Os teólogos desse tempo entendiam que o mundo seria sem religião, secular. Era necessário fazer teologia sem Deus. Mas essa teologia não progrediu porque o mundo não se tornou cem por cento secular. O mundo continua religioso, mas mudou a relação com a religião, mudou a maneira de crer. O que muda é o cenário religioso, mas não o fim da fé no sagrado. Teólogos e pensadores de 1960 (por exemplo, Harvey Cox, Gabriel Vahanian, William Hamilton e Thomas J. J. Altizer) e até mesmo antes dessa data (como Friedrich Nietzsche, filósofo alemão do século XIX) criam que o fim do cristianismo seria o fim da religião, mas isso não mudou o cenário da fé. Ambos teólogos (Hamilton e Altizer), em resposta ao pedido de Bonhoeffer por uma interpretação secular do evangelho, analisaram o fenômeno da morte de Deus no mundo secular moderno. Foram criticados por outros teólogos como Paul Tillich, John A. T. Robinson, Langdon Gilkey e pelo sociólogo Peter Berger.⁷

Uma maneira para entender sobre o tema é explicar sobre as ideias e a influência de Dietrich Bonhoeffer. De acordo com Stanley J. Grenz, é preciso entender o contexto da Teologia Radical que caminha para a Teologia Secular e que desemboca na teologia da morte de Deus.

A teologia de Dietrich Bonhoeffer chama-se movimento radical.⁸ Depois que Bonhoeffer morreu, teólogos e cristãos ficaram tristes, sem esperança. Dessa teologia surge

⁶ GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. *A teologia do século 20 – Deus e o mundo numa era de transição*. São Paulo. Ed. Cultura Cristã. 2003. p. 187.

⁷ GRENZ; OLSON, 2003, p. 191.

⁸ GRENZ; OLSON, 2003, p. 186.

outro movimento teológico no século XX. Os teólogos, influenciados pelas ideias de Dietrich Bonhoeffer, fazem a teologia da morte de Deus.⁹ Antes, nesse processo acontece a teologia secular. Como se dá essa transição da teologia de Dietrich Bonhoeffer para a teologia da morte de Deus? Qual era o contexto no qual houve essa mudança? A ideia de Deus no mundo (ideia de Bonhoeffer) vai se confundir com a teologia secular. O secularismo diz que Deus virou ser humano e que Deus é a mesma coisa que o ser humano. Aí tem a outra ênfase que é a morte divina. Deus morreu porque agora os teólogos seculares acreditavam que Deus é igual ao ser humano.

Bonhoeffer pregava a imanência dentro do secular, a transcendência em meio à vida. Sua teologia era chamada de radical, como falou-se acima. Na teologia dele, Deus está intramundo, misturado no lamaçal. Deus está no meio do mundo. Nos tópicos seguintes serão analisadas as ideias de Bonhoeffer à luz da ética, tema que ele tratou muito bem.

Bonhoeffer foi influenciado por vários teólogos, mas, como disse Stanley, “foi em Karl Barth que encontrou sua alma gêmea”.¹⁰ A ênfase de sua teologia é ter Cristo no centro. Sua teologia é marcada pela cristologia. Dietrich Bonhoeffer quer defender a fé cristã, mas nessa defesa ele radicaliza e está interessado em saber a relação entre sociedade e fé cristã. Bonhoeffer defende o neoliberalismo (e não o liberalismo), a graça custosa que junta fé e obras. E ele foi exemplo desse pensamento, pois se envolveu com os problemas de sua época, morreu por isso, se comprometeu em favor do cristianismo. Por isso ele defende que o evangelho seja secular, que a igreja se insira no mundo, faça parte dele para ser sal e luz para os que precisam de Jesus. Pregava um cristianismo sem religião, pois a religião não é coisa boa.¹¹ Religião era a tentativa do homem de entender Deus. Esse cristianismo cheio de ritualismo não fazia sentido. Era necessário mudar essa linguagem e secularizá-la. Os crentes não deveriam ficar dentro de seu mundo, falando uma linguagem própria que só eles entendiam. Ele diz que na vida cristã tem muita vida religiosa que não é verdadeira. Deus está dentro da vida das pessoas.¹²

Ele deu sua contribuição teológica. O jeito de Bonhoeffer resolver o imanente e transcendente é dizer que propõe ética cristã assim: a pessoa tem que ser cem por cento no mundo.¹³ Tem que participar da vida mundana. Dizia que o Crente tem que entrar no mundo

⁹ GRENZ; OLSON, 2003, p. 188.

¹⁰ GRENZ; OLSON, 2003, p. 178.

¹¹ GRENZ; OLSON, 2003, p. 181.

¹² GRENZ; OLSON, 2003, p. 182.

¹³ GRENZ; OLSON, 2003, p. 185.

porque é lá que tem que ser luz. Ele diz que Cristo é o centro do mundo. E os cristãos têm que traduzir Cristo para esse mundo que já está maduro. Ele afirma que a igreja está usando uma linguagem imatura para falar sobre Deus para um mundo maduro. Então, é por isso que os cristãos devem mudar e adequar sua linguagem. Usar uma linguagem mais madura. Ele não propõe que as pessoas abandonem os valores do evangelho. Mas tem que retraduzir os valores do evangelho para esse mundo atual.¹⁴

É desse contexto da teologia radical de Bonhoeffer que se traz à tona a ideia da morte divina e a teologia secular. Desses três movimentos (teologia radical, da morte de Deus e secular) é que as ideias sobre religião são alteradas e, conseqüentemente, a opinião do ser humano sobre a fé também muda no século XX. O secularismo, por fim, diz que Deus virou homem, é a mesma coisa do homem. É a exclusão da transcendência. É a ênfase no humano, mas não é o fim da fé. Pensou-se que a religião acabaria. Que a ciência tomaria o seu lugar dentro do mundo secular. Mas isso não aconteceu. A religiosidade não acabou.

1.2 O cenário religioso no Brasil

Depois de ver esse cenário internacional, é preciso voltar para a religião no Brasil e reafirmar o que foi dito no início. O cenário religioso brasileiro também mostra que a religião vai bem. Basta observar os números crescentes dos estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (veja os dados do IBGE no item 1.3). As pessoas continuam propagando a fé em Deus. Aliás, no Brasil, a religião cresce, ao contrário do que acontece em países europeus e nos Estados Unidos, onde, além das pessoas mudarem de religião e do foco da fé, templos são fechados e livrarias, cervejarias e boates são abertas em locais onde anteriormente fora igrejas. Haja visto os exemplos: na cidade de Maastricht, na Holanda, uma livraria – chamada de Polare Maastricht, faz sucesso entre leitores, ocupa hoje o espaço do que outrora fora um templo. O que chama a atenção nessa notícia (largamente divulgada pela imprensa internacional e brasileira) é saber que aquele local era uma igreja de mais de 700 anos. Fechada e vendida, deu espaço para a cultura. Em Pittsburgh, nos Estados Unidos, existe a Church Brew Works, uma cervejaria que funciona em uma antiga igreja batista do início do século 20 e que teve uma história trágica de incêndio (em 1915), depois ficou fechada por mais de 80 anos sendo finalmente aberta para os prazeres da mesa. A estratégia de marketing da empresa é bem sugestiva. Eles afirmam no site: “e no oitavo dia, o homem

¹⁴ GRENZ; OLSON, 2003, p. 183.

criou a cerveja”.¹⁵ Em ambos os exemplos preserva-se a estrutura física do imóvel e os móveis sacros: altar, castiçais, cadeiras, sacristia, bancos. Todos os objetos continuam intactos e isso é o que chama a atenção dos clientes. No Brasil esse cenário de igrejas fechadas não existe. Pelo contrário: há exemplos de mais e mais templos sendo abertos diariamente.

Mesmo com essa rotatividade entre várias crenças, mesmo com desilusões quanto ao sagrado, o homem faz religião, apesar de não entender suas origens. Rubem Alves diz que o ser humano não consegue desvencilhar-se do fascínio da religião e que “não existe cultura alguma que não a tenha produzido”. Talvez o fazem, completa Alves, “por causa da revelação dos deuses, por neurose obsessiva, para escrever seus mais altos pensamentos acerca de si mesmo”.¹⁶

O que se constata, acrescenta Alves, é que durante algum tempo falou-se muito sobre o fim da fé. No século passado, como foi exposto anteriormente, foi proposta a teoria de que a religião era somente a reminiscência que o ser humano guardava de um período primitivo de onde veio seu desenvolvimento. O homem foi levado a pensar uma realidade invisível (a religião), um outro mundo além do real, um lugar de mistério onde deuses e demônios habitavam. Alves enfatiza que essa época era antes das explicações científicas que trouxe respostas mais reais ao ser humano. Era a época na qual o homem “ignorava as causas reais que movimentavam o universo, era assombrado pela morte, aterrorizado pelos fenômenos naturais que não podia compreender”.¹⁷

Augusto Comte, por exemplo, dizia que a religião era a mais primitiva fase do desenvolvimento humano.¹⁸ Que a ciência iria suplantá-la. Freud diz que religião é neurose obsessiva do ser humano que acreditava que o mundo poderia ser moldado pelo poder de seus desejos.¹⁹ Já Karl Marx enfatizou que religião era o produto de uma sociedade irracional e opressiva, ilusões necessárias para que o homem suporte as correntes que o escravizam. Acabada essa opressão, pra quê religião? Essa seria dispensável.²⁰ A secularização e a ciência trouxeram mais conhecimento à sociedade e, com isso, pensou-se que a fé estaria com seus

¹⁵ *Conheça igrejas centenárias que viraram cervejaria, livrarias e boate.* Disponível em: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2013/11/conheca-igrejas-centenarias-que-iraram-cervejaria-livrarias-e-boate.html?fb_action_ids=621955187845581&fb_action_types=og.recommends&fb_source=timeline_og&action_object_map=%7B%22621955187845581%22%3A1429024413993069%7D&action_type_map=%7B%22621955187845581%22%3A%22og.recommends%22%7D&action_ref_map=%5B%5D%7D>. Acesso em: 11 nov. 2013.

¹⁶ ALVES, 2005, p. 33.

¹⁷ ALVES, 2005, p. 33.

¹⁸ ALVES, 2005, p. 34.

¹⁹ ALVES, 2005, p. 34.

²⁰ ALVES, 2005, p. 34.

dias contados. A fase primitiva humana – que era a religião, certamente acabaria. Alves diz que, com o advento do novo deus, a ciência, os velhos deuses estariam relegados ao passado:

Tudo parecia indicar que a religião vivia os seus últimos dias. A ilusão estava condenada a desaparecer. Dizia Dietrich Bonhoeffer: ‘o movimento que se iniciou no século XIII na direção da autonomia do homem... completou-se de certa forma em nossa época. O homem aprendeu a lidar com todas as questões de importância sem recorrer a Deus como uma hipótese explicativa’... Cada vez se torna mais evidente que tudo funciona normalmente sem Deus. Já se admite que o conhecimento e a vida são perfeitamente possíveis sem Ele.²¹

Uma grande mudança aponta-se nesse contexto. Uma diferença de ponto de vista entre o mundo chamado medieval e o moderno. Antes, tudo acontecia e era explicado pelo poder de Deus. Agora, esse novo ser humano pensa sozinho, descobre, rejeita a ideia do sobrenatural regendo o universo. As leis imanentes à própria natureza passam a explicar a existência da vida ao ser humano. Deus se tornou desnecessário, dispensável. A realidade perdeu o encanto. Alves diz que ela ficou “desencantada”. As verdades teológicas não justificavam mais a vida.

Dentro desse contexto, parecia que a religião desapareceria, pois no mundo moderno, científico, não encontraria mais espaço. Contrariando o que parecia inevitável, não foi o que aconteceu. A religião não teve fim.

Quando tudo parecia anunciar os funerais de Deus e o fim da religião, o mundo foi invadido por uma infinidade de novos deuses e demônios, e um novo fervor religioso [...] que encheu os espaços profanos do mundo que se proclamava secularizado.²²

Além de não ter fim, a religião viu nova fase nascer. Deus sobrevive à sua própria morte, o misticismo oriental aumenta e também as experiências transracionais. Todos esses elementos apontam que não vingou as previsões científicas sobre o fim da religião. O que aconteceu então? A religião deu novo significado à vida social e foi resignificada pelo ser humano. Atualmente é correto afirmar que a ciência mudou o paradigma, mas não determinou o fim de Deus. Na verdade, mais deuses e religiões foram criados. O misticismo fez cair por terra a ideia do fim da religião.

Esse é o contexto mundial, o que não é tão diferente do cenário brasileiro. Entre os brasileiros o misticismo só cresceu, a fé recebeu resignificado, e subsiste como no resto do mundo.

²¹ ALVES, 2005, p. 36.

²² ALVES, 2005, p. 36.

Focando o universo brasileiro, acredita-se que aqui tudo vira religião. Essa é a linguagem popular. De acordo com Bartz, Bobsin, Reblin e Sinner, a diversidade religiosa é uma característica que não passa despercebida no cotidiano brasileiro. E a secularização não existe por aqui:

No Brasil não ocorreu nem um abrangente desencantamento do mundo, nem a religião foi relegada [...] à esfera privada. O papel e o status da religião se transformaram, diversificaram e destracionalizaram.²³

No Brasil, religião se pratica com mistura, ou seja, sincretismo. A regra religiosa dos brasileiros é o pertencer múltiplo, o sincretismo (uma mistura de religiões ou incorporação de elementos de outras religiões por dentro da própria), as formas mistas de fé. Isso é o que defendem Bartz, Bobsin, Reblin e Sinner.²⁴

Desde sempre a fé brasileira é mista. Basta olhar o exemplo do Brasil colônia, onde os afrodescendentes tiveram de conviver com sua religião mãe, o candomblé e, ao mesmo tempo, com o catolicismo que lhes foi imposto. Era uma obrigação adorar os santos católicos. Então, para evitar a perseguição da religião oficial do Estado (catolicismo romano), aconteceu essa simbiose. Adorava-se Olorum e, ao mesmo tempo, os santos católicos. Na senzala pratica-se escondido o candomblé e, publicamente, confessava-se o catolicismo. O que se tem hoje são ambas as religiões com vida própria e um cenário distinto do colonial. Nessa mistura e mudança religiosa muitos afrodescendentes tornaram-se protestantes e as estatísticas apontam que estão nas igrejas pentecostais. São as novas construções e transformações na subjetividade religiosa brasileira. Mas a prática de misturar religiões, de crer que “todo santo ajuda” é característica comum entre os brasileiros. Vão à missa e ao centro espírita, oram a Deus, mas pedem bênçãos para os orixás da umbanda, amarram no braço a fita de Nosso Senhor do Bonfim e também frequentam as reuniões budistas. Uma mistura de crenças. Uma fé colorida.

Além da mistura, ainda pensando no cenário religioso do Brasil, Bartz, Bobsin, Reblin e Sinner afirmam que hoje existem, de forma crescente, a mobilidade ou trânsito religioso. Ambos ressaltam que, além de conversões (a “troca de pertença de religião”) as mudanças dentro das denominações são frequentes (muitas vezes dentro da mesma religião). O fenômeno acontece em várias religiões, mas um bom exemplo disso são os protestantes,

²³ BARTZ, Alessandro; BOBSIN, Oneide; SINNER, Rudolf Von. Mobilidade religiosa no Brasil: conversão ou trânsito religioso?. In: REBLIN, Iuri; SINNER, Rudolf Von (Orgs). *Religião e Sociedade desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST, 2012. p.231.

²⁴ BARTZ; BOBSIN, SINNER, 2012, p. 231.

também chamados de evangélicos. Essas mudanças são tão acentuadas que Leonildo Silveira Campos, estudioso do fenômeno religioso no país, questiona se está realmente acontecendo a conversão devido a essa grande mobilidade.

Converter está deixando de ser sinônimo de troca profunda de pertença e se tornando um ato banalizado de troca de templos [...]. Além disso, existem diversos níveis de pertença a uma comunidade religiosa, entre eles adesões em que as pessoas se aproximam de uma comunidade religiosa sem, necessariamente, aderir a ela em termos formais ou rituais.²⁵

O que se percebe ainda no universo religioso brasileiro é a descentralização. O país deixou de ser católico passando a ser caracterizado por um alto e crescente pluralismo religioso e também por grande mobilidade.

Bartz, Bobsin, Reblin e Sinner mostram essa vertente histórica. Salientam que, desde o Brasil colônia, passando pelo império, ser brasileiro e ser católico eram sinônimos uma vez que – com o padroado real, a Igreja Católica detinha o título de religião oficial do país, inclusive sustentada pelo poder governamental. Tudo muda com a primeira Constituição do período republicano, em 1891, que determinou a separação entre Estado e religião. Isso influenciada pela lei dos Estados Unidos. Sabe que durante o império (e por causa da Constituição de 1824), existia certa liberdade religiosa. Desde que não perturbasse a ordem pública e não se manifestasse publicamente, adeptos de outras religiões (os não católicos) poderiam exercer sua fé. Era proibido por lei, por exemplo, distribuir maciçamente panfletos religiosos em praça pública e colocar uma placa de uma denominação como hoje é tão comum. Os cultos protestantes eram dentro das residências (cultos domésticos), pois os templos protestantes não poderiam existir. Era proibida qualquer construção que tivesse características religiosas. O prédio não poderia se assemelhar a um templo. A cruz e os santos católicos poderiam existir nos templos (dentro e fora deles), mas qualquer elemento de outra religião era proibido. Por causa do fim da escravidão negra o governo incentiva a entrada de trabalhadores rurais para cultivar o café, produto em alta que girava a economia brasileira e era voltado para a exportação. Por causa dessa abertura, imigrantes europeus entraram no país trazendo no coração a sua fé. Muitos eram protestantes que inicialmente se estabeleceram no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro. Alemães vieram em massa para o Brasil e também

²⁵ BARTZ; BOBSIN, SINNER (Orgs.), 2012, p. 237.

italianos. Foram os primeiros protestantes – os chamados protestantes históricos ou tradicionais, que se estabeleceram no país.²⁶

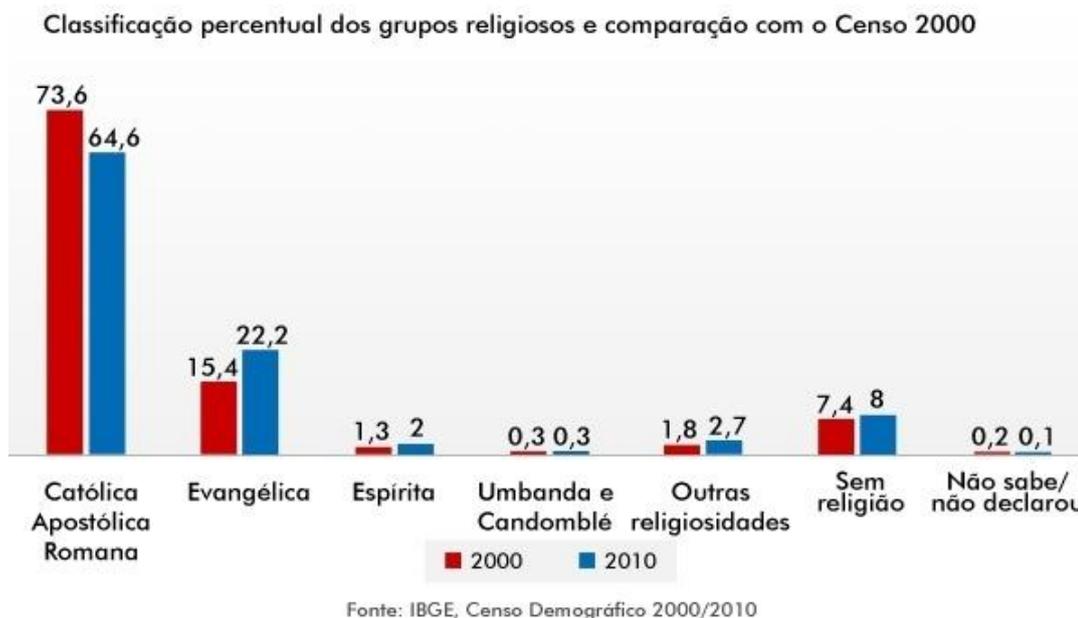
Hoje, passados essa fase histórica da falta de liberdade religiosa no Brasil (período da colônia), da liberdade relativa (império), vive-se a democracia religiosa e a laicidade estatal (período republicano). Com a Constituição garantindo liberdades (de crença, de culto, de consciência), novo cenário se forma no Brasil.

O que se vê na atualidade é o crescimento da religiosidade e aumento de algumas ordens como os evangélicos.

1.3 Os números da religiosidade no Brasil de acordo com o IBGE

É necessário recorrer aos números oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) para mostrar o avanço religioso brasileiro e demonstrar como por aqui a fé não caiu no esquecimento e o secularismo, apesar de existir, não tomou conta do imaginário social.

Tabela 1: DADOS DO CENSO 2010 DO IBGE²⁷



Os números apontam que atualmente 64,6% da população é católica (123 milhões de pessoas), 22,2% é evangélica (42,3 milhões de fiéis), 2% é espírita, 0,3% é do candomblé e

²⁶ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2ª edição, São Paulo: EDUSP FDE, 1995. p. 67.

²⁷ *Censo mostra que mais de 15 milhões de brasileiros não tem religião*. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/29/censo-mostra-que-mais-de-15-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-religiao-homens-sao-maioria-diz-ibge.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

umbanda, 2,7% de outras religiões, 8% sem religião e 0,1% dos entrevistados não sabem ou não responderam à pesquisa.

O que será visto se fizer uma comparação do censo de 2010 com o do ano 2000? O que se pode interpretar desses números oficiais? Ao comparar ambos os censos, percebe-se que os católicos eram 73,6% da população (portanto houve diminuição do número de fiéis católicos), os evangélicos eram 15,2% (portanto, houve crescimentos desse segmento), os espíritas eram 1,3% (também houve pequeno crescimento no número de pessoas espíritas), o candomblé e a umbanda tinham 0,3% de adeptos (o quadro permanece o mesmo, sem alteração na quantidade de fiéis), os sem religião eram 7,4% dos brasileiros (então houve crescimento desse grupo que se considera sem religião) e 0,2% dos entrevistados não sabem ou não declararam.

De todos esses números, três grupos merecem destaque: os católicos que perderam fiéis, evangélicos que cresceram e o aumento no número de pessoas que se consideram sem religião. A Igreja Católica continua sendo a maior em termos de número de fiéis no Brasil. Mesmo assim, o IBGE mostra que a igreja está perdendo fiéis. É um declínio acentuado e, para mudar esse quadro, o papa Francisco esteve recentemente no país para realizar a Jornada Mundial da Juventude, em 2013. A redução no percentual de católicos é geral em todas as regiões, porém mais elevada no Nordeste, no Norte e no Sul.

Por que os católicos diminuíram? Porque os fiéis dessa igreja foram para outras religiões. Para o segmento evangélico, por exemplo, que cresceu. Mas esse crescimento não é tão recente. Vem acontecendo nos últimos dez anos. Hoje somam-se 42,3 milhões de pessoas se professam a fé evangélica (22,2% da população). As pesquisas do IBGE constataram que o aumento no número de evangélicos é proporcional ao declínio constante da religião católica (mesmo com a queda, hoje existem 123 milhões de pessoas católicas no Brasil, ou seja, 64,6% da população). A maioria dos católicos – assim como os sem religião, são homens. Nos demais grupos religiosos as mulheres são maioria.

Por que os evangélicos cresceram? A pesquisa do IBGE aponta que foi graças à expansão das igrejas (aumento do número de templos em todas as cidades) e a veiculação de programas religiosos nas emissoras de televisão. Rondônia tem a maior concentração de evangélicos e o Piauí a menor. A Assembleia de Deus é a igreja com maior número de crentes. Esse grupo é considerado pentecostal.

Já os sem religião também chamam a atenção. Somam 15,3 milhões de brasileiros entre idade de 20 a 24 anos, sendo a maioria homens, moradores do Sudeste. Uma curiosidade. Por força da imposição do catolicismo como religião oficial do Brasil até o início da República (isso mudou com a Constituição de 1891 que estabeleceu a separação entre religião e Estado), até 1872 nenhum cidadão brasileiro se declarava sem religião. Hoje a realidade mudou. Existem mais pessoas sem religião do que adeptos do espiritismo. “Isso mostra os deslocamentos que estão ocorrendo no campo religioso”, apontam Reblin e Sinner que acrescentam:

A oferta e a procura da religião continuam fortes e se diversificaram [...]. Os católicos estão perdendo membros em todas as direções, ao passo que as igrejas pentecostais, além dos chamados ‘sem religião’, estão entre os grandes ganhadores.²⁸

A mudança de igreja ou de crença, ou mobilidade religiosa, tem dinâmica própria. Diante dos dados do IBGE que apontam que os fiéis católicos estão convertendo-se para o protestantismo, percebe-se que a mobilidade – além das duas razões já apresentadas acima que foram citadas na pesquisa, é um “fenômeno social estimulado pelas subjetividades, pelas mudanças aceleradas das sociedades modernas e pelo apelo sócio-histórico que questionou o lugar social das religiões oficiais, mas não aboliu o fascínio pelo religioso”.²⁹ Essa é a explicação que Reblin e Sinner dão na tentativa de explicar o quadro. Fácil perceber também que a mobilidade religiosa (mudança de religião) nada tem a ver com perda ou falta de fé. Reblin e Sinner apontam que a saída de uma religião ou denominação é desencadeada pela discordância de preceitos e doutrinas.

Muitas pessoas que abandonam uma fé o fazem porque perderam a credibilidade em um sistema ou porque acreditam que é possível adotar em suas vidas uma fórmula simples que cõnjuge flexibilização de normas e desenvolvimento de uma ética – ainda que carregada por símbolos religiosos – muito particular e desinstitucionalizada sob o ponto de vista da declaração de pertença.³⁰

Essas idas e vindas a uma e outra religião, essa conversão, mobilidade ou trânsito, revela que o brasileiro pode ter dois contextos: ou troca de fé ou exerce duas ou mais religiões ao mesmo tempo, sem deixar a sua primeira. O poema de João Guimarães Rosa, “Grande sertão: veredas” mostra o personagem Riobaldo com sua célebre frase que dizia que todo mundo é meio louco e, por isso, todos precisam de religião. É para “desendoidecer”,

²⁸ BARTZ; BOBSIN, SINNER, 2012, p. 242.

²⁹ BARTZ; BOBSIN, SINNER, 2012, p. 245.

³⁰ BARTZ; BOBSIN, SINNER, 2012, p. 245.

“desdoidar”. Ele dizia que rezar era “sara da loucura”, “salvação da alma”. Existem muitas religiões e ele, Riobaldo, não perdia nenhuma. Dizia: “aproveito de todas. Bebo água de todo rio. Uma só para mim é pouca, talvez não me chegue. Rezo cristão, católico, embrenho a certo”. Riobaldo aceitava todas as rezas. Até a do compadre Quelemém que é da doutrina “Cardéque”. Ele também frequentava a igreja de seu amigo Matias, um crente metodista. Ambos se acusavam de pecador, mas liam alto a Bíblia, oravam, cantavam belos hinos. Tudo ele aceitava. Diz que só queria rezar.³¹ Esse é texto literário, mas um retrato fiel do comportamento do brasileiro.

Como vimos neste capítulo, percebe-se que a realidade religiosa brasileira atual não é a secularização, mas o crescimento religioso mesclando, inclusive, várias crenças. A ideia de Deus não desapareceu (Deus não morreu), não saiu de moda, está mais vivo do que nunca no culto popular, sendo reverenciado de diversas maneiras. Até mesmo diversas outras divindades – e não somente o Deus cristão, são criadas e recriadas. A palavra sincretismo religioso é a que melhor define esse momento de fé da pós-modernidade brasileira.

³¹ GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p. 15. (Copiado de BARTZ; BOBSIN, SINNER). p. 247.

2 COMUNICAÇÃO DE MASSA E A IMPORTÂNCIA DA TV NO BRASIL

No capítulo anterior foi analisado o cenário religioso no universo internacional e brasileiro. Como continuidade da pesquisa, este capítulo tratará da forma como esse universo é mostrado socialmente no Brasil por intermédio da comunicação de massa que atinge todos os públicos, em todos os lugares.

A próxima abordagem deste trabalho será sobre a importância da televisão no Brasil. Esse dispositivo midiático é o mais popular, maior alcance e importância e, ao mesmo tempo, o de maior polêmica.

2.1 Definição de comunicação de massa

Quando se fala sobre comunicação de massa, deve-se logo entender qual é o conceito de massa. É um aglomerado gigantesco de indivíduos compreendidos além das estruturas internas da sociedade. É uma multidão, povo, reunião de muita gente. A expressão “massa” provém das mensagens transmitidas pelos meios de comunicação que são acessíveis a grande parte da população e por causa disso a sua audiência é grande.³²

O comunicador Jésus Barbosa de Souza, baseado nos estudos de Sodré Muniz, diz que:

[...] o moderno fenômeno da cultura de massa só se tornou possível com o desenvolvimento do sistema de comunica o por média, ou seja, com o progresso e a multiplica o vertiginosa dos veículos de massa – o jornal, a revista, o filme, o disco, a rádio, a televisão.³³

A comunica o de massa pode ser vista como um grande mosaico que afeta intensamente a vida. Ela influencia a ideia que as pessoas têm de si mesmas, o que querem, a compreensão de sua cultura e de outras, de atitudes e crenças em rela o a uma variedade de questões e perspectivas gerais sobre a vida social. Pode incluir nessa lista também a influência que a comunica o de massa causa no imaginário social em rela o   religião, que   o foco deste trabalho.

Hoje em dia, a comunica o de massa   uma importante fonte de informa o e de entretenimento. Contudo, ela faz mais do que simplesmente informar e entreter: ela apresenta

³² *Dicionário Michaelis*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=massa>>. Acesso em: 08 dez. 2014.

³³ SOUZA, Jésus Barbosa de. *Meios de comunica o de massa*. São Paulo: Scipione, 1998. p. 6.

também diferentes visões de seres humanos, eventos, notícias, vida cultural e religiosa. A comunicação de massa garante expressão e visibilidade a algumas pessoas e pontos de vista, ao mesmo tempo que silencia outros. Dessa forma, é uma poderosa influência sobre as percepções que temos em relação a notícias, eventos e pessoas.

Júlia T. Wood é PhD em comunicação social pela universidade estadual da Pensilvânia e professora de estudos da comunicação na universidade da Carolina do Norte, nos Estados Unidos. Ao observar o tema comunicação de massa, a professora Wood enfatiza que a mesma está presente em todas as mídias vendidas como livros, filmes, televisão, rádio, jornal, revistas e internet.

Ao estudar especificamente a TV, Wood afirma que esta envolve a sociedade transmitindo uma imagem que nem sempre corresponde à realidade da vida. É o que ela chama de teoria da enculturação.³⁴

Analisando a televisão, enquanto comunicação de massa, os estudos da professora Wood apontam para a teoria da enculturação sustenta que a televisão promove uma visão de mundo que, embora incorreta, pode ser tomada pelos telespectadores como reflexo da vida real. Essa teoria se concentra exclusivamente na mídia televisiva, que cria uma realidade sintética que molda profundamente as perspectivas dos telespectadores e suas crenças em relação ao mundo.

De acordo com Julia Wood, chama-se enculturação o processo cumulativo pelo qual a televisão promove crenças sobre a realidade social. De acordo com essa teoria, a televisão fornece uma visão ampla e muitas vezes não realista do mundo como sendo mais violento e perigoso do que demonstram as estatísticas.³⁵

Assim, de acordo com essa lógica, assistir à televisão pode promover visões distorcidas da realidade. A palavra cumulativa é importante para compreender a enculturação. Os pesquisadores não alegam que um programa específico tenha efeitos significativos sobre as crenças dos telespectadores ou que assistir à televisão influencia diretamente a opinião pública. Contudo, eles afirmam que assistir à televisão durante um longo período, afeta a visão básica do mundo dos telespectadores. Por extensão, quanto mais as pessoas assistem à televisão, mais distorcidas são suas ideias em relação à realidade. Em outras palavras, a teoria

³⁴ WOOD, Julia T. *Mosaicos da Comunicação: uma introdução aos estudos da comunicação*. São Paulo: Ática, 2008. Coleção Ática Universidade. p. 56.

³⁵ WOOD, 2008, p. 58.

sustenta que a televisão promove, de modo cumulativo, uma visão de mundo sintética que os telespectadores provavelmente presumirão que representa a realidade.

São identificados dois mecanismos para explicar a processo de enculturação: as correntes predominantes e a ressonância. As correntes predominantes referem-se à estação comercial de TV retratar sistematicamente americanos de origem europeia como cidadãos responsáveis, os telespectadores podem vir a aceitar essas representações como verdadeiras. As versões da vida na TV podem influenciar a vida real.

A segunda explicação para a capacidade de a televisão moldar as visões de mundo é a ressonância, ou seja, até que ponto as representações da mídia estão de acordo com a experiência pessoal. Por exemplo, uma pessoa que tenha sido roubada ou assaltada tem mais chances de se identificar com a violência apresentada na televisão. Quando as imagens da mídia correspondem às nossas experiências, tendemos a presumir que elas representam com precisão o mundo em geral.³⁶

É inegável que a mídia molda a vida da sociedade. E faz isso usando os meios como a TV, por exemplo. A mídia sugere, influencia, vende a ideia, vicia, cria o hábito, estimula. Não generalizando, DeFleur e Ball-Rokeach afirmam que as pessoas aceitam essa influência (consciente ou inconscientemente).³⁷ Assim, crenças, estilos de vida, linguagem, habilidades e vida moralizada são criados socialmente. Tudo influenciado por esse agente social que é a comunicação de massa. Mas, além da mídia, outros segmentos – como família, igreja, instituições, também influenciam socialmente.

2. 2 A TV no Brasil

Depois de observar sobre o que é a comunicação de massa, como age e a influência que exerce, vale focar um meio específico dessa comunicação que é a televisão que se destaca por ser o maior veículo de massa brasileiro atualmente.

A importância da TV no Brasil é grande. A pesquisa “Retrato da Leitura no Brasil”³⁸ confirmou que assistir à TV é o passatempo favorito dos brasileiros nos momentos livres. Aumentou o tempo diante da TV, diminuiu o tempo com os livros. A leitura foi reduzida de

³⁶ WOOD, 2008, p. 60.

³⁷ DeFLEUR, Melvin L. e BALL-ROKEACH, Sandra. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1993. p. 67.

³⁸ GOULART, Nathalia. *Hábito de leitura cai no Brasil, revela pesquisa*. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/habito-de-leitura-no-brasil-cai-ate-entre-criancas>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

acordo com o mesmo estudo. Para se ter uma ideia da força desse gigante, a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2011, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística aponta que há mais televisores disponíveis no Brasil do que geladeiras. Mais de 90% dos lares têm, pelo menos, um aparelho de televisão.³⁹

A TV é o maior meio de comunicação de massa do Brasil. É um veículo que tem programação que visa o entretenimento, a informação como prestação de serviço (que é rasa e superficial) e, raramente, ao debate social. A falta de aprofundamento, de mais explicações para melhor esclarecer as pessoas, aponta para outro problema: é desse meio que os brasileiros mais recebem informação. Isso significa que bebem de uma fonte rasa, sem análise crítica, com visão unilateral. Não generalizando, pode-se afirmar que, ao assistir à TV, a pessoa toma a posição passiva, apenas receptora da informação. Não tem a oportunidade de interagir, debater, aprofundar-se. Os comunicadores é que decidem o que as pessoas assistem, o que será ou não pauta nacional. Essa é a visão tradicional da televisão aberta, que ainda subsiste. Mas é bem verdade que mudanças começam a acontecer nesse universo. Pode-se citar algumas alterações na atualidade. O papel passivo sempre coube aos telespectadores. Mas com a chegada da internet e para não perder audiência, a televisão brasileira resolveu se reformar. Agora a tendência é uma maior abertura para a participação das pessoas. Não é muita interação, mas já existe alguma interação na medida em que o telespectador é convidado a participar dos programas ao vivo por meio de comentários (inclusive nas redes sociais). Foi uma tentativa que deu certo de juntar internet e TV. Por meio da internet – que recebe informação sendo atualizada pelas grandes empresas de comunicação em tempo real, o telespectador manda mensagem de texto (MSN), vídeos e fotografias que são veiculados nos programas ao vivo, por exemplo. Por parte da internet a inovação foi que se juntou todos os veículos de comunicação em um. Pela internet hoje pode-se ver TV e ouvir rádio. E quem perdeu o capítulo a novela, a minissérie ou a reportagem do telejornal pode acessar o portal da emissora que encontrará a informação disponibilizada 24 horas, podendo ser acessada em qualquer parte do mundo. Assim, unindo ambas as tecnologias (TV e internet), conseguiu-se aumentar a participação da sociedade nas programações de TV. Mas é importante ressaltar que a participação do público volta-se mais para programas ao vivo, sendo que boa parte da programação é com programas previamente gravados. Ou seja, ainda há ausência da participação das pessoas.

³⁹ *Número de casas com TV supera o das que têm geladeira.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/09/numero-de-casas-com-tv-supera-o-das-que-tem-geladeira.html>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

A Revista do Correio, encarte do maior jornal do Distrito Federal – o Correio Braziliense, publicou reportagem que ilustra bem a nova fase da televisão brasileira, mostrando como a TV tem se modificado ao longo dos tempos para se modernizar e não perder telespectadores, apesar de ser o veículo número um em audiência no país.

A reportagem aponta que, na última década, o aparelho de TV deixou de lado aquele velho formato de produtor de conteúdo e se transformou em uma plataforma de multimídia. Uma grande mudança, pois objetivava inserir na tela todas as tecnologias disponíveis e juntar os diversos meios de comunicação em um, beneficiando o telespectador que quer participar cada vez mais.

Foi essa ideia de interação que motivou as mudanças em uma época em que não faltam telas. Celulares, computadores não poderiam ganhar a audiência sozinhos. Portanto, produtores de TV se mexeram para mudar conteúdo, melhorar tecnologia, criar novos formatos.

A mudança mais evidente diz respeito à linearidade da experiência. Antes, o espectador ficava no sofá, amarrado a uma grade rígida de programas — o mesmo bat-horário, o mesmo bat-canal. A possibilidade de escolher o conteúdo, com mobilidade total (tablets e smartphones), e em qualquer horário, tem trazido uma nova perspectiva. Muita gente não quer mais ter que esperar para ver o programa favorito. Muitos já abriram mão dos aparelhos de TV.⁴⁰

O que resultou essa mudança foi que o telespectador foi colocado em foco, pois o esperado hoje é ter a oportunidade de opinar em tempo real, interagir. Outras plataformas já oferecem esse recurso e a TV não poderia ficar de fora.

Mas a reportagem aponta que é preciso desmistificar a ideia de que a TV nos moldes tradicionais está com os dias contados. Ainda existem determinadas atrações que chamam mais atenção quando televisionadas. Ainda tem lugar para o tradicionalismo, mas se bem que as mudanças de paradigmas andam falando mais alto porque “a TV digital possibilitou múltiplas ofertas, inclusive a recepção via celular”.⁴⁰ A pessoa agora tem o papel de receptor, mas também de produtor e transmissor de conteúdo (mesmo que de forma ainda reduzida). Também há a liberdade de carregar a TV para qualquer lugar do mundo. Isso tudo é avanço no campo comunicativo e reforça a força da televisão no Brasil.

⁴⁰ A *TV* que assiste ao telespectador. Disponível em: <http://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/revista/2013/05/26/interna_revista_correio,367799/a-tv-que-assiste-ao-telespectador.shtml>. Acesso em: 27 jul. 2014.

A interatividade da tevê via internet, chamada streaming, também foi um fator que contribuiu para uma nova maneira de ver as coisas. A interatividade era um problema mal resolvido pela tevê digital. Faltava um canal de retorno. Ao mesmo tempo em que a tevê conectada fez com que a interatividade pudesse ser completamente implementada, ela foi o ponto de partida para ideias como a tevê *on demand*, ou seja, serviços de tevê a cabo ou sites especializados que permitem que o telespectador escolha quando e que programas quer assistir. O espectador começa a se acostumar com a possibilidade de desenhar a própria grade.⁴¹

Mesmo com tantos avanços, ressalta-se que a TV aberta ainda é a de maior acesso, pois nem sempre as pessoas têm condições financeiras de acesso à internet. Ao contrário do que parece, a internet não é largamente acessada nos lares brasileiros. Muitos não têm acesso. Muitos outros só têm acesso à internet no trabalho ou na escola porque no Brasil o serviço é caro. E mais uma vez a televisão entra em vantagem sobre a internet porque é aberta e gratuita.

As novas tecnologias influenciam no tempo em que as pessoas ficam em frente à TV. Acredita-se que as pessoas se tornaram multitelas. Uma coisa complementa a outra: durante os programas, os telespectadores-internautas fazem comentários, especialmente em redes sociais. A internet também é usada para buscar informações sobre o que está sendo exibido na TV. Ao comentar um programa, por exemplo, enviam a opinião para a TV que exhibe na tela os comentários dos participantes.

Mobilidade é o outro grande ganho desse modelo novo. Mais uma diferença agora é que todos os horários são considerados nobres, pois a TV vai no bolso das pessoas e pode ser assistida a qualquer momento. Antes, programa que fazia parte do horário nobre da televisão era aquele apresentado entre as 19 e 23 horas. Isso acabou.

A publicidade também lucra com as inovações e a TV por assinatura ganhou mais adeptos.

Os serviços de *streaming* — em que o consumidor paga uma taxa para ter acesso a um catálogo de filmes, seriados e programas que podem ser assistidos a qualquer tempo — têm sido um dos maiores exemplos da nova relação dos telespectadores com a televisão. Ao garantirem acesso imediato (dependente apenas de uma boa conexão de internet), eles eliminam o que é conhecido como ‘administração de ansiedade’: o consumidor monta sua programação.⁴²

⁴¹ A TV que assiste ao telespectador. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2013/05/26/interna_revista_correio,367799/a-tv-que-assiste-ao-telespectador.shtml>. Acesso em: 27 jul. 2014.

⁴² A TV que assiste ao telespectador. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2013/05/26/interna_revista_correio,367799/a-tv-que-assiste-ao-telespectador.shtml>. Acesso em: 27 jul. 2014.

Percebe-se que está mudando no Brasil a maneira como as pessoas lidam com a televisão. A participação do telespectador é indispensável nesse modelo de TV do século XXI. Quem já era líder, agora, dificilmente perderá seu reinado.

Apesar dos investimentos em tecnologia, a televisão é criticada e enaltecida. Um ponto negativo é que o saber emanado do aparelho é saber comum porque todas as pessoas veem as mesmas informações. A TV não permite uma escolha mais seletiva, vê-se o que foi programado (apesar de já existir breve interação). A TV não tem troca, não há público no momento da produção de um programa, como durante a apresentação de uma peça de teatro, por exemplo. Há o papel de imobilizador do público. Ela é distante, mas passa a ideia de ser familiar e as pessoas recebem seu conteúdo com naturalidade. Apresentadores querem parecer naturais, como em um bate-papo. TV também vicia, encultura.

Mas televisão também tem pontos positivos: reúne vários veículos em um, como teatro, cinema, música e literatura. É uma conquista e uma revolução do meio eletrônico. Propicia contato entre regiões distantes, culturas diversas. É o maior entretenimento da sala de estar no Brasil. Difunde maciçamente ideias, conceitos. É instantânea, mundial e está em todas as classes sociais.

Ignorar a TV significa ser desatualizado. Esse meio de comunicação de massa tem a força de alcançar um grande público, num curto espaço de tempo, a custo baixo para a população, que hoje pode comprar bons aparelhos em várias parcelas. É uma janela aberta para o mundo. A imagem corre o globo terrestre em segundos, abordando conteúdo político, econômico, de entretenimento, religioso, entre outros. Ligar um aparelho significa conectar-se com a realidade da vida. Vendo TV, sem que se perceba, as pessoas podem negar seus referenciais éticos, morais, religiosos para incorporar o que é oportunizado.

Pedro Gilberto Gomes⁴³ afirma que a TV invade o espaço privado das pessoas e traz o mundo para dentro de casa. Vendo TV a pessoa sente-se participante da comunidade nacional e universal, não se sentindo isolada, mas igual às demais pessoas. Um bom exemplo que o autor dá é sobre uma dona de casa que jamais saiu do seu bairro ou fez uma viagem internacional, mas se sente cidadã do mundo e viaja com seu programa favorito sobre turismo. Gomes diz que hoje não há mais o encontro nas ruas porque as pessoas vivem isoladas dentro de casa, na frente da TV, vendo todos os mesmos programas. Boa e ruim, a TV tem

⁴³ GOMES, Pedro Gilberto. *Filosofia e Ética da Comunicação na Mídia e da Sociedade*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006. p. 123.

importância singular, transformou e transforma a vida. TV é vitrine. Consequentemente, todo conteúdo que expõe vende, seja de qualidade ou não.

É a comunicação presente na vida das pessoas. E uma das maneiras é por meio da televisão. É impossível não praticar comunicação neste mundo globalizado.

3 A RELIGIÃO NOS TELEJORNALIS: ESTUDO DE CASO SOBRE O JORNAL DA RECORD (JR) E O JORNAL NACIONAL (JN)

Depois de pensar sobre o cenário religioso brasileiro e de perceber a importância da televisão para os brasileiros, neste capítulo o foco será analisar as reportagens publicadas no JN (Rede Globo) e o JR (Rede Record) para perceber o que é veiculado sobre as religiões.

A televisão foi escolhida para essa análise por ser o maior veículo de comunicação de massa do país. Quanto a ambos telejornais, foram selecionados porque são os maiores em termos de audiência, de número de profissionais envolvidos, nas duas maiores empresas televisivas de comunicação do Brasil que têm o maior e melhor suporte técnico e tecnologia para produzir um telejornal. O JN foi escolhido por ter a maior audiência na televisão aberta. Embora oficialmente não seja ligado a nenhum grupo religioso, sabe-se que o catolicismo é a religião que impera. Basta perceber que somente a Igreja Católica tem espaço na grade de programação com os programas “O Sagrado” e a “Santa Missa”. Historicamente, é de conhecimento público o alinhamento da Rede Globo com os setores da direita e com os católicos. Já é de domínio público a informação de que a Rede Record pertence à Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

Depois de explicar o motivo da seleção dos dois telejornais, é importante enfatizar que os itens analisados serão o tempo da reportagem, o assunto, o formato da reportagem, a religião em debate e a origem que mostra se a pauta é nacional ou estrangeira. Também é pertinente explicitar que o que é publicado na imprensa televisiva é assunto discutido diariamente pelas pessoas nos mais diversos ambientes. Seja nas universidades, no trabalho, nas mesas de bar. Os comentários frequentes são sobre as reportagens veiculadas. Os comunicadores chamam esse fenômeno de pauta da discussão nacional. Ou seja, a imprensa pauta o que a sociedade debate na rua, o que é questionado pelos políticos, o que forma a temática de assuntos que o brasileiro discute. O apelo social da imprensa é grande e os assuntos são os mais gerais: política, economia, saúde, área internacional, meio ambiente, esporte e religião. As reportagens são importantes porque informam e ajudam a formar a opinião pública. Quando se trata de reportagens sobre a fé do brasileiro, por exemplo, tocam-se em valores enraizados no imaginário social.

Como esta pesquisa visa analisar reportagens sobre religião veiculadas em ambos telejornais, o foco será observar o conteúdo das reportagens em diálogo com a religião e a

ética. Serão trabalhados três aspectos principais dentro das áreas de Comunicação (Jornalismo), ética e Teologia.

Quanto ao trabalho relacionado à Comunicação, foram selecionadas 23 reportagens, do período de 1º de novembro a 31 de dezembro de 2012, nos dois principais jornais do país, em TV aberta: Jornal Nacional (JN) e Jornal da Record (JR). As reportagens foram coletadas nos sites dos respectivos telejornais e escolhidas sob o critério de serem basicamente sobre religião. Na mesma época há veiculação e reportagens – principalmente internacionais, ligadas a grupos religiosos e violência, por exemplo. Mas estas têm o aspecto político, não são basicamente religiosas. O corte foi por buscar matérias que focassem apenas aspectos explicitamente religiosos. Já os pontos relacionados à ética e à Teologia serão analisados no capítulo quatro.

3.1 Reportagens analisadas

As reportagens tomadas do Jornal Nacional (JN) foram as seguintes:

Tempo	Assunto da reportagem e referência	Origem da pauta (nacional ou internacional)	Formato (tipo de reportagem)	Religião enfocada
2'17''	Ano novo, no bairro da Liberdade, em SP ⁴⁴	Nacional	Reportagem	Budismo
4'44'	Pastor atua em presídio para recuperar criminosos perigosos, em Porto Velho, Rondônia ⁴⁵	Nacional	Reportagem	Evangélico
0'30''	Fiéis lotam Igreja do Bonfim, em Salvador, para agradecer e rezar na última sexta-feira do ano ⁴⁶	Nacional	Nota coberta*	Catolicismo e Candomblé

⁴⁴ *Bolinho de arroz é tradição no Ano Novo do Bairro da Liberdade.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/bolinho-de-arroz-e-tradicao-no-ano-novo-do-bairro-da-liberdade.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁴⁵ *Presídio tenta recuperar alguns dos presos mais perigosos do país.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/11/presidio-tenta-recuperar-alguns-dos-presos-mais-perigosos-do-pais.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁴⁶ *Fiéis lotam Igreja do Bonfim em Salvador para agradecer e rezar.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/fieis-lotam-igreja-do-bonfim-em-salvador-para-agradecer-e-rezar.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

2'23''	Coral da Igreja Batista do RJ inova e emociona plateia (sobre o Natal), no RJ ⁴⁷	Nacional	Reportagem	Evangélico
2'23''	Baixo número de cristãos no Japão faz Natal virar novo Dia dos Namorados ⁴⁸	Internacional	Reportagem	Xintoísmo e budismo
2'21''	Tradição das pastorinhas é mantida por mulheres no interior de MG (Natal) ⁴⁹	Nacional	Reportagem	Catolicismo
1'55''	Milhares de peregrinos visitam a Terra Santa às vésperas do Natal, em Belém, na Cisjordânia ⁵⁰	Internacional	Reportagem	Catolicismo
1'55''	Papa apela por paz na Síria e por fim de conflito na Terra Santa (Natal), na Itália/Jerusalém ⁵¹	Internacional	Reportagem	Catolicismo
0'28''	Papa perdoa ex-mordomo condenado por roubar documentos, na Itália ⁵²	Internacional	Nota coberta*	Catolicismo
2'33''	Festival Promessas reúne grandes nomes da música evangélica, em SP ⁵³	Nacional	Reportagem	Evangélico

⁴⁷ *Coral da Igreja Batista do Rio inova e emociona a plateia.* Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/coral-da-igreja-batista-do-rio-inova-e-emociona-plateia.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁴⁸ *Baixo número de cristãos no Japão faz Natal virar novo Dia dos Namorados.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/baixo-n-de-cristaos-no-japao-faz-natal- virar-novo-dia-dos-namorados.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁴⁹ *Tradição das Pastorinhas é mantida por mulheres no interior de Minas.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/tradicao-das-pastorinhas-e-mantida-por-mulheres-no-interior-de-minas.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁵⁰ *Milhares de peregrinos visitam Terra Santa nas vésperas do Natal.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/milhares-de-peregrinos-visitam-terra-santa-vesperas-do-natal.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁵¹ *Papa apela por paz na Síria e por fim de conflito na Terra Santa.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/papa-apela-por-paz-na-siria-e-por-fim-de-conflito-na-terra-santa.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁵² *Para perdoa ex-mordomo condenado por roubar documentos confidenciais do Vaticano.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/papa-perdoa-ex-mordomo-condenado-por-roubar-documentos-confidenciais-do-vaticano.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁵³ *Festival Promessas reúne grandes nomes da música evangélica em São Paulo.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/festival-promessas-reune-grandes-nomes-da-musica-evangelica-em-sp.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

1'43''	Família real britânica anuncia gravidez de Kate Middleton. Ele comandará a igreja anglicana, na Inglaterra ⁵⁴	Internacional	Reportagem	Anglicano
1'21''	Devotos vão a Juazeiro do Norte pagar promessas no dia de Finados, no Ceará ⁵⁵	Nacional	Reportagem	Catolicismo
0'23''	Inaugurado em São Paulo templo de padre Marcelo Rossi, em SP ⁵⁶	Nacional	Nota coberta*	Catolicismo

***Nota coberta:** nota cuja cabeça é lida pelo apresentador e o texto seguinte é coberto com imagens. Esta nota pode ser gravada ou ao vivo.

****Nota pelada:** nota ao vivo, lida ao final da matéria, com informações complementares.

As reportagens tomadas do Jornal da Record (JR) foram as seguintes:

Tempo	Assunto da reportagem	Origem da pauta (nacional ou internacional)	Formato (tipo de reportagem)	Religião enfocada
2'06''	Repórter fala sobre tradição dos curandeiros na Tanzânia, África ⁵⁷	Internacional	Reportagem	Misticismo
2'11''	Alto Paraíso chama reforços para receber pessoas que "fogem" do	Nacional	Reportagem	Esoterismo, misticismo, seita

⁵⁴ *Família Real britânica anuncia gravidez de Kate Middleton.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/familia-real-britanica-anuncia-gravidez-de-kate-middleton.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁵⁵ *Devotos vão a Juazeiro do Norte pagar promessas no Dia de Finados.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/11/devotos-vaio-juazeiro-do-norte-pagar-promessas-no-dia-de-finados.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁵⁶ *Inaugurado em São Paulo templo de Padre Marcelo Rossi.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/11/inaugurado-em-sao-paulo-templo-de-padre-marcelo-rossi.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁵⁷ *Repórter fala sobre tradição dos curandeiros na África.* Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=509c2af792bb983dbd41383a>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

	fim do mundo, em Goiás ⁵⁸			
0'21''	Papa perdoa o antigo mordomo acusado pelo vazamento de documentos do Vaticano, na Itália ⁵⁹	Internacional	Nota coberta*	Catolicismo
0'55''	Natal é comemorado de diferentes maneiras em todo o mundo, na Polônia, Inglaterra, etc. ⁶⁰	Internacional	Nota coberta*	Mostra várias religiões
2'39''	Belém, na Cisjordânia, pode não ser a verdadeira cidade natal de Jesus, na Cisjordânia ⁶¹	Internacional	Reportagem	Catolicismo
1'39''	Turistas lotam Nova York para ver a decoração de Natal mais famosa do mundo, nos EUA ⁶²	Internacional	Reportagem	Não enfatiza religião e, sim, consumo e decoração natalina
4'46''	Atrasadinhos lotam centros comerciais atrás de presentes de Natal de última hora, em SP ⁶³	Nacional	Reportagem	Não enfatiza religião e, sim, consumo no Natal

⁵⁸ *Alto Paraíso chama reforços para receber pessoas que "fogem" do fim do mundo.* Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d39c8e6b718cdbdf525e67>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁵⁹ *Papa perdoa o antigo mordomo acusado pelo vazamento de documentos do Vaticano.* Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d63264fc9b743b64b92f07>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁶⁰ *Natal é comemorado de diferentes maneiras em todo o mundo.* Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d8e52cb61ca99ec013c0b2>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁶¹ *Belém, na Cisjordânia, pode não ser a verdadeira cidade natal de Jesus.* Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d8e4fafc9b25e987dccb55>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁶² *Turistas lotam Nova York para ver a decoração de Natal mais famosa do mundo.* Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d8d9ebb61ca99ec013c0a0>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁶³ *Atrasadinhos lotam centros comerciais atrás de presentes de Natal de última hora, em SP.* Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d8d9f7b61ca99ec013c0a3>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

2'30''	Paulistanos viram turistas e lotam ruas da cidade para ver decoração de Natal, em SP ⁶⁴	Nacional	Reportagem	Não enfatiza religião e, sim, decoração natalina
2'02''	Tradicional almoço de Natal pode estar com os dias contados, em SP ⁶⁵	Nacional	Reportagem	Não enfatiza religião e, sim, almoço de família no Natal (consumo)
2'08''	Voluntários organizam almoço de Natal coletivo em cidades da Grande São Paulo ⁶⁶	Nacional	Reportagem	Não enfatiza religião e, sim, almoço solidário de Natal

3.2 Sistematização e análise das reportagens

3.2.1 Religiões retratadas

Listadas as reportagens, faz-se necessário uma análise sobre as religiões mais retratadas. No JN, primeiro vem a católica e depois a evangélica. No JR é curioso perceber que, apesar da emissora ser evangélica, nenhuma reportagem foi ao ar sobre esse público na data pesquisada. Ou seja, os evangélicos não foram mencionados no período, mesmo sendo na época do Natal, data quando é comum matérias sobre a fé. O JR escolheu publicar o maior número de reportagem comentando sobre o consumo na época natalina e não especificamente sobre uma religião. Depois, em segundo lugar, ficaram as pautas sobre misticismo, seitas e esoterismo. Isso somente reforça a postura de administração da emissora independente da confissão de fé da Igreja Universal.

É possível perceber que algumas religiões não aparecem na imprensa. Os temas religiosos omitidos foram, por exemplo, sobre os hinduístas, os espíritas kardecistas, os sem

⁶⁴ *Paulistanos viram turistas e lotam ruas da cidade para ver decoração de Natal*. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d8d98bfc9b25e987dccb46>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁶⁵ *Tradicional almoço de Natal pode estar com os dias contados*. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50da2b2a92bb5bfec6bfe24f>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

⁶⁶ *Voluntários organizam almoço de Natal coletivo em cidades da Grande São Paulo*. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50da2ad892bb5bfec6bfe24c>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

religião, os adeptos às seitas, os ateus, os agnósticos e os umbandistas. Estes grupos sequer foram mencionados. O candomblé e o budismo tiveram uma reportagem cada no período pesquisado.

3.2.2 Pauta da reportagem

A pauta religiosa não é distorcida pela imprensa. Somente renegada. A editoria de religião poderia ser mais explorada tendo em vista o amplo universo religioso que o Brasil tem atualmente. É interessante comentar que, por meio das reportagens analisadas, a imprensa buscou ser fiel aos fatos, não passando uma imagem tendenciosa, distorcida ou preconceituosa dos grupos religiosos, não estabelecendo ou fortalecendo caricaturas, estigmas ou rótulos para com uma dada religião. Buscou-se nas reportagens enfatizar a factualidade.

3.2.3 Linguagem adotada

A linguagem usada pelos jornalistas foi factual e, na medida do possível, neutra e isenta de ideologia. Mas, como bem se sabe, não existe cem por cento de imparcialidade no Jornalismo. Ou seja, até mesmo a decisão de produzir ou não uma reportagem sobre religião (ou qualquer outro assunto) já carrega, na sua essência, uma parcialidade, uma intenção.

Nas reportagens analisadas o sensacionalismo - tão comum nos meios de comunicação, foi notado. Ou seja, quando a pauta é sobre a fé, a imprensa trata do assunto com seriedade. Jornalistas trataram os temas com respeito e enfocando o factual como se pode perceber na reportagem “Natal é comemorado de diferentes maneiras em todo o mundo”, veiculada pelo Jornal da Record. No texto, a narrativa mostra que - desde a rainha Elisabeth II, da Inglaterra, até americanos e poloneses, muito já celebravam Natal. “Na Polônia, 58 mil lâmpadas decoram uma casa. Americanos usaram 35 mil luzes na decoração de uma casa também”, citou o repórter.⁶⁷

Em outro exemplo, ainda no Jornal da Record, a reportagem informa que o papa Francisco perdoou o antigo mordomo, Paolo Gabriele, acusado pelo vazamento de documentos do Vaticano, na Itália. O texto da reportagem trazia informações básicas e factuais como: “Paolo Gabriele recebeu visita do papa. Ele admitiu que roubou documentos

⁶⁷ *Natal é comemorado de diferentes maneiras em todo o mundo*. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d8e52cb61ca99ec013c0b2>>. Acesso em: 09 dez. 2014.

que revelam corrupção na Igreja Católica, mas disse que agiu pelo bem da instituição. Paolo já foi solto”.⁶⁸

3.2.4 Conhecimento e preparo do jornalista

Mas um quesito que merece destaque é a falta de especialização dos profissionais na área religiosa, conforme especifica o pesquisador e professor Leonildo Siqueira Campos, doutor em Ciências da Religião. Apesar de as reportagens analisadas não mostrarem aspectos negativos da fé ou falta de postura ética por parte dos profissionais que abordaram os assuntos de maneira factual, fica claro quando se assiste às mesmas que os jornalistas não têm conhecimento religioso. Não fazem especialização na área religiosa. Há muitos profissionais especialistas na política, na economia, no meio ambiente e no esporte, mas poucos entendem de Ciência da Religião ou de Teologia. Isso se percebe na superficialidade das reportagens. Não houve aprofundamento de informação em nenhuma reportagem analisada.

Percebe-se que a religião não é pauta frequente para a imprensa. Poucas reportagens são publicadas sobre a fé. Os assessores de imprensa têm dificuldade para conseguir uma publicação, principalmente nos jornais, nas TVs, revistas e sites de grande circulação.

Campos explica as razões para esse comportamento dos profissionais. O professor enfatiza que a imprensa formou uma colisão contra a presença de certas formas de religião no espaço público – midiático e político. Existe uma má-formação dos profissionais que redigem sobre religião. Leonildo afirma que muitas vezes as pautas religiosas podem ser distorcidas porque os jornalistas, até mesmo pela secularização, não entendem ou vivenciam o mundo da fé.

Por falta de um maior preparo para compreender o complexo mundo da religião, atêm-se apenas na dimensão do espetacular e do escandaloso. O avanço do secularismo, na família e na escola, afastou a atual geração de jovens jornalistas de algum tipo de tradição religiosa estruturada e sistematizada. Para alguns deles, o mundo da religião é algo misterioso [...]. A distorção pode não ser conscienciosa, mas simplesmente fruto da desinformação e de um processo cultural de renegação do religioso.⁶⁹

⁶⁸ *Papa perdoa o antigo mordomo acusado pelo vazamento de documentos do Vaticano*. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d63264fc9b743b64b92f07>>. Acesso em: 09 dez. 2014.

⁶⁹ *Mídia e religião no Brasil*. Disponível em: C:\Users\Denise\Desktop\Documents\Denise Santana\Teologia\Teologia\4 e 5 semestres\Projeto de Pesquisa\Pesquisa\Entrevistas artigos\Adital - Mídia e religião no Brasil_ Entrevista com Leonildo Silveira Campos.mht. Acesso em: 5 mai. 2012.

O resultado disso é que o mundo da religião é um mistério para alguns jornalistas. Para outros, o assunto não merece atenção, apesar de o Brasil ser muito religioso.

Outro estudioso do mundo comunicação-religião é Niceto Blásquez. Reforçando as palavras de Campos acrescentando novas ideias, Niceto Blásquez também acredita que falta preparo aos jornalistas para tratar pautas religiosas.⁷⁰ Nos países em que se reconhece a liberdade religiosa e o livre fluxo de informações, como é o caso do Brasil, existe uma tendência bastante generalizada a tratar o fenômeno religioso de forma pouco objetiva e respeitosa. Prevalece a tendência a informar sobre aspectos anormais, e até mesmo patológicos, da vida religiosa. No geral, tratam dos temas religiosos aplicando categorias culturais impróprias ou entrevistas com pessoas agressivas, que falam com desamor e às vezes com ressentimento. Obviamente esses critérios não oferecem as garantias de objetividade e imparcialidade do jornalismo responsável.

3.2.5 Objetivo das reportagens (audiência)

A briga por audiência entre a Record e a Globo parece que não influenciou no posicionamento das mídias em relação às pautas religiosas nos telejornais. Pelo menos durante o período analisado. Essa disputa está silenciosa por esses tempos. Nenhuma reportagem foi ao ar, no período pesquisado, com uma emissora opondo-se à outra. Isso não significa que a briga por audiência não exista. Isso significa que, no período pesquisado, não houve esse tipo de ação.

3.2.6 Comparação entre ambos telejornais

De modo geral, as considerações a serem feitas sobre ambos telejornais são: no período analisado o JN publicou 13 reportagens sobre religião e no JR foram 10.

No JN cinco reportagens são internacionais (sete são nacionais), citando sobre o catolicismo. A pauta é o Vaticano. Depois comentou-se sobre religiões em geral citando hinduísmo e o budismo. A maioria das reportagens é sobre a fé brasileira, abordando os católicos. O segmento evangélico foi citado uma única vez pelo JN comentando sobre uma cantata de Natal da Igreja Batista do Rio de Janeiro. Um detalhe que é diferente do JN para o JR. No JN todas as reportagens citam o nome de uma religião. No JR nenhuma religião é

⁷⁰ BLÁSQUEZ, Niceto. *Ética e meios de comunicação*. São Paulo: Editora Paulinas, 1999. p. 89.

citada nas pautas nacionais. Fala-se sobre misticismo de forma geral ou de aspectos ligados a temas de época religiosa como o Natal. Mas nenhuma religião é citada, nominada.

No JR acontece o seguinte quadro: das 10 reportagens, cinco são sobre assuntos religiosos internacionais e cinco nacionais, sendo a religião católica a mais citada quando das pautas internacionais. Nas pautas nacionais nenhuma religião é citada nominalmente como foco principal. Ou seja, a pauta não deu tom religioso, apesar de ser sobre Natal. As pautas internacionais prevalecem as italianas, sobre assuntos do Vaticano. Depois, fala-se muito sobre Israel (Cisjordânia) sobre as pautas do local do nascimento de Jesus. O texto jornalístico preferiu focar aspectos como turismo em Nova Iorque na época do Natal, decoração natalina, o costume dos brasileiros de deixar as compras para a última hora e o passeio das pessoas pelas ruas curtindo os presentes natalinos. Um tom social, descontraído para um tema relacionado à fé. Os evangélicos não foram abordados em nenhuma pauta.

As reportagens do JN mostram o tema em estados como São Paulo (mais citado). Depois vem Minas Gerais, Bahia, Rondônia, Ceará e Rio de Janeiro. As pautas internacionais são na Itália e em Israel. De modo geral, segue a tendência de enfatizar ambos países quando a reportagem é sobre religião. Outros países raramente são lembrados como se não praticassem nenhum tipo de fé. Já o JR produz a maioria das reportagens a partir de São Paulo. Não teve nenhum outro estado representado. As pautas internacionais são de Israel e Itália. Mas um detalhe: o misticismo da África foi mostrado.

3.2.7 Considerações finais

O que se pode concluir a partir da análise dos dados observados é que os números mostram que ambos os telejornais veiculam poucas reportagens nacionais sobre a fé. Se a pauta for internacional, o número é ainda mais reduzido. Isso leva à constatação de que o assunto fé ocupa pouco espaço entre os comunicadores, o que contrasta com o interesse social em um país predominantemente cristão. E ainda mostra uma emissora que se declara evangélica, mas que produz pouco conteúdo relativo à religiosidade. Ou seja, a imprensa aborda pouco sobre a religião, uma vez que os jornalistas deveriam refletir o interesse social nos telejornais, uma vez que assuntos relevantes socialmente poderiam estar nas pautas jornalísticas. E quando o faz publica mais conteúdo nacional do que informações sobre a religião em outros países. As pautas religiosas internacionais são ainda em menor número.

Outro ponto que deve ser observado é que o recorte da pesquisa engloba o mês de dezembro, época da maior festa religiosa mundial que é o Natal. Ainda assim, o tema religião abarca pouco espaço no noticiário de ambos telejornais.

Sobre os assuntos noticiados, percebe-se que o conteúdo das reportagens é factual, uma narração dos fatos sem o repórter emitir opinião ou o âncora tecer comentário editorial revelando a linha de pensamento e a posição ideológica da empresa.

Quanto à religião enfocada, percebe-se que o JN comenta muito mais sobre os católicos. O JR, por sua vez, publica algumas notícias italianas sobre o catolicismo (sempre a informação é sobre o Vaticano), mas a maioria das reportagens analisadas não tem o tom religioso no sentido de citar diretamente uma fé específica. Comportamento que reflete a proposital falta de vínculo religioso do telejornal querendo mostrar-se com postura neutra e não ligado a um segmento evangélico?

Nenhuma matéria criticou uma religião. Todas apenas narraram factualmente sobre sua fé, crenças, atos litúrgicos, símbolos. Isso representa que os jornalistas adotaram uma postura buscando a imparcialidade. O JN, representando a linha editorial da Rede Globo, mudou o tom de reportagens sobre religião e especialmente sobre os evangélicos. Com o objetivo de ganhar mais audiência entre o segmento evangélico, as críticas a este público desapareceram do ar. Mesmo assim, mesmo querendo ganhar pontos entre o público evangélico, percebe-se que o JN comenta mais sobre os católicos tendo, inclusive, uma repórter exclusiva na Itália para produzir notícias sobre o Vaticano. Já o JR, por pertencer à Rede Record, uma emissora ligada à Igreja Universal, adota um tom mais neutro quando o assunto é fé. O tom factual é uma postura ética por parte dos comunicadores que escolhem narrar o que vivenciam sem emitir juízo de valor. Parece que a concorrência entre ambos os telejornais em nada ajuda ou atrapalha nos assuntos religiosos. A guerra entre ambos silenciou-se atualmente. A Rede Globo não fala mais mal dos evangélicos e a Rede Record esqueceu-se de atacar a concorrente. Estão em silêncio aparente. Até quando?

Quanto ao local onde as reportagens são realizadas, é possível analisar como São Paulo prevalece. Muitas reportagens produzidas a partir daquela praça. Depois vem a Bahia, Minas Gerais e o Rio de Janeiro. Esses são os estados mais visados quando o assunto é fé. Os países internacionais mais citados são Itália (por causa do Vaticano) e Israel (por causa das histórias bíblicas sobre a fé cristã). Isso demonstra que há estados brasileiros que dominam o imaginário social quando o assunto é a fé e a imprensa tem a tendência de refletir isso. Quanto aos países internacionais, existe a massificação da ideia católica e o domínio desse assunto em

detrimento da abordagem a outra religião. Budistas, hinduístas, adeptos de outras crenças e até ateus aparecem pouco nas reportagens. Mas católicos predominam.

O enfoque dado às reportagens passa pelo crivo ético do profissional. Nas reportagens apresentadas, dentro do período selecionado, não houve excessos, a ética não foi quebrada. As pautas foram isentas mostrando realmente a vivência diária da fé (cita a imparcialidade na medida do possível, pois não existe cem por cento de isenção ideológica na comunicação).

Como observado neste capítulo, ainda é pequena a cobertura da imprensa sobre os assuntos religiosos. Dessa opinião também compartilha o jornalista americano Kevin Eckstrom, editor-chefe do Religion News Service, e a jornalista Natasha Tynes. Mas essa realidade precisa mudar uma vez que o Brasil é um país com população voltada para exercer a fé, muitas vezes de maneira sincrética. “Os jornalistas de religião também enfrentam o desafio adicional de provar a sua relevância, especialmente em países onde o assunto é pouco coberto [...]. Muitos editores veem religião como uma editoria especial extra que podem viver sem, e muitas vezes deixam a religião para ser coberta por repórteres gerais que não conhecem a editoria muito bem. Mas, enquanto a cobertura de religião diminuiu nos principais meios de comunicação, “está explodindo online, com sites com foco em religião liderando o caminho.”⁷¹

Ambos jornalistas apontam caminhos que podem ajudar na melhora da qualidade e na quantidade das reportagens religiosas. Aprofundar-se em entender o básico sobre religião é o primeiro passo. Estudar é fundamental. O jornalista precisa entender as diferenças básicas entre cada religião e isso inclui seus discursos. Um dos exemplos é a palavra rezar e orar que têm significados distintos entre católicos e evangélicos brasileiros. Ainda é importante encontrar um aspecto religioso em reportagens não religiosas. Assim, pode crescer a oportunidade de se produzir pautas sobre fé aproveitando momentos atuais.

Às vezes é difícil conseguir editores interessados em matérias puramente sobre religião. Então busque um ângulo de religião ao cobrir esportes, política ou negócios. Há um ângulo de religião, o que pode incluir moral, ética e valores, em quase toda a história. Por exemplo: um pastor de Dallas disse recentemente que o presidente Obama está abrindo caminho para o anticristo. Essa é uma oportunidade

⁷¹ *Dicas para propor e cobrir matérias sobre religião.* Disponível em: <<http://ijnet.org/pt-br/blog/dicas-para-propor-e-cobrir-materias-sobre-religiao>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

para explicar o que é o anticristo e como as visões do anticristo mudaram ao longo do tempo.⁷²

Outros aspectos importantes mostrados pelos jornalistas são respeitar as diversas crenças, mesmo que não concorde com elas, evitar estereótipos, generalizações, buscar fontes boas e alternativas, fugindo dos líderes tradicionais e já conhecidos. Assim é possível se diferenciar.

⁷² *Dicas para propor e cobrir matérias sobre religião*. Disponível em: <<http://ijnet.org/pt-br/blog/dicas-para-propor-e-cobrir-materias-sobre-religiao>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

4 ÉTICA, OBRIGAÇÃO E DESAFIO PARA O JORNALISMOS RELIGIOSO

Depois de avaliar o conteúdo religioso veiculado nos dois maiores telejornais brasileiros, o Jornal Nacional e o Jornal da Record, este capítulo tem o objetivo de comentar a questão ética dos jornalistas, relacionada ao trato de reportagens sobre a religião, dentro do código deontológico da profissão. Cabe ao profissional seguir o que as regras éticas estabelecem. Dentre elas, entender que discriminação religiosa não pode ser praticada e tolerância precisa ser cumprida. O capítulo também mostra que cumprir o código de ética traz vantagens para o profissional e para o público que recebe a informação. Quando múltiplos pontos de vista são enfocados gera-se menos direcionamento para uma visão única.

4.1 Código de Ética do Jornalismo

Sabe-se que o conteúdo publicado na imprensa influencia a formação da opinião pública, pois o jornalista é um formador de opinião. Por isso este tem a obrigação de redigir pautado na seriedade, na ética, no bom senso, pois até mesmo o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros menciona isso. O artigo 6º, inciso XIV afirma que é dever do jornalista combater a discriminação por motivo religioso. O artigo 7º, inciso III, diz que o profissional não pode impedir a manifestação de opinião divergente ou o livre debate de ideias. Nesse contexto estão inseridas a opinião e as ideias religiosas das mais diversas correntes doutrinárias. Também o jornalista não pode usar a profissão para incitar a intolerância, seja de que tipo for, e isso inclui a intolerância religiosa (artigo 7º, inciso V).⁷³

O código serve para dar direção, tratar do dever ou conjunto de deveres, princípios e normas dos profissionais. A deontologia (do grego “déon, déontos”, que significa dever, e “lógos” que se traduz por discurso ou tratado) é uma disciplina da ética adaptada aos exercícios profissional de um grupo. Ou seja, a deontologia é parte da filosofia que trata de fundamentos, sistemas de moral, estudo dos deveres, princípios dos profissionais de uma área.⁷⁴

⁷³ FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTASJPDF. *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*. 2007. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2013.

⁷⁴ *Dicionário Michaelis*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=deontologia>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

Quanto à ética, existem dois termos gregos para explicá-la que são *ethos e êthos*. A primeira palavra significa costume e se refere aos usos e costumes que são patrimônio do grupo. A segunda significa moradia ou domicílio habitual acostumado, caráter ou maneira de ser. A ética é uma ciência relativa aos costumes, é o domínio da filosofia que objetiva o juízo que diferencia o bem e o mal, o agir correto e incorreto. A ética traz princípios que direcionam e regem o comportamento social.⁷⁵

Faz-se necessário uma análise maior sobre alguns aspectos do Código de Ética dos Jornalistas, especialmente nos itens que comentam sobre a religião. Nesse caminho de praticar a ética profissional, o jornalista precisa ter cautela. Sabe-se que todo texto jornalístico (reportagem) carrega em si uma ideologia, a cosmovisão de mundo de quem o redigi. Por mais que se busque, não é possível total isenção. A neutralidade e a imparcialidade totais são utopia. Por isso, observar o código ético ajuda o profissional a ter mais cautela, a cometer menos erros.

As vantagens de o jornalista observar o código são muitas. Uma delas é agir cautelosamente para evitar direcionar a visão e a opinião do leitor. Isso acontece quando o jornalista não oferece a quem lê as diversas visões sobre um fato, as múltiplas opiniões para que este chegue à sua conclusão e não a uma linha de pensamento dirigida. O jornalista tem que dar ao seu público diferentes perspectivas de leitura, diferentes entendimentos sobre dado assunto, opiniões distintas. Isso é solicitado no código (O artigo 7º, inciso III) que afirma que o profissional não pode impedir a manifestação de opinião divergente. Uma das maneiras de se conseguir dar esse enfoque múltiplo a uma reportagem é entrevistando pessoas com opiniões distintas sobre um mesmo assunto. Assim, busca-se passar mais informações, pontos de vista distintos e não unilaterais.

Observando o código também é possível o profissional de comunicação não cometer erros quanto à injúria, calúnia e difamação. A injúria (descrita no parágrafo 3º, artigo 140) é utilizar elementos que agridem – ofendendo a dignidade ou decoro, referentes à raça, cor, etnia, origem, religião, condição da pessoa idosa ou portadora de deficiência. Calúnia é dizer, falsamente, que uma pessoa cometeu um crime. Já a difamação acontece quando é imputado a uma pessoa fato ofensivo à sua reputação.

4.1.1 Princípios que regem o jornalismo brasileiro: impacto, furo, sensacionalismo

⁷⁵ *Dicionário Michaelis*. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=%E9tica>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

É preciso evitar os deslizes éticos quando o jornalista vai apurar uma informação. Diante de uma rotina estressante, de curto espaço de tempo para a produção do material, diante do desafio de sempre buscar a melhor reportagem, o “furo” (esse é um jargão usado no jornalismo que significa ineditismo. É a notícia em primeira mão. É quando se publica uma informação em um veículo antes de todos os demais), o profissional corre o risco de deixar a verdade da informação em segundo plano ou ser desconsiderada (total ou em parte). Muitas vezes, é considerado somente o “furo” (ineditismo), o impacto, o que dará maior audiência.⁷⁶

Nesse enfoque sobre a ética, devem ser consideradas as ideias do teólogo e professor Leonardo Boff⁷⁷ que demonstra que a falta de ética por parte do jornalista quando trata da fé pode levar a reportagens unilaterais, preconceituosas, estigmatizadas, sensacionalistas.

Ainda sobre ética e imprensa, Fernando Altemeyer Junior, comenta “que a tarefa de quem passa informações e comenta os fatos com suas interpretações se torna uma tremenda responsabilidade ética: até onde e como, sem omissão, mas sem distorção, se devem passar as informações que comovem uma sociedade inteira? Um critério de verificação de uma boa informação é o bem comum, novamente a justiça e a paz social.”⁷⁸

Realmente o bem comum deve ser o árbitro para determinar que direção seguir durante a produção de uma reportagem e a ética deve ser uma preocupação do profissional. Atualmente não se pode esquecer da ética na comunicação, pois é imprescindível para o bem geral da sociedade (que recebe o trabalho da imprensa) e também para o jornalista (que deve trabalhar regido por padrões éticos de conduta).

Pedro Gilberto Gomes, estudioso sobre ética e comunicação, revela alguns passos sobre ética na comunicação social. Um dos pontos ressaltados é sobre a importância da ética e a crise no mundo atual. Gomes diz que é indiscutível que a sociedade hoje atravessa uma crise de paradigmas, uma crise de valores. É tempo de profundas e rápidas transformações e o pluralismo coloca as pessoas em estado de insegurança. A crise social ainda se agrava por causa da pobreza, individualismo, violência. Para Gomes, o homem moderno é “sem rumo, perdido e sem sentido. O homem moderno é um ser com medo, ansioso, agressivo. Está vazio e sente-se solitário”.⁷⁹ Gomes acredita que é necessário discutir o sentido da crise ética ou moral. Crise ética não é só descumprimento de uma norma, mas o questionamento da validade

⁷⁶ *Furo*. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Furo_%28jornalismo%29>. Acesso em: 09 dez. 2014.

⁷⁷ BOFF, Leonardo. *Ética e Moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

⁷⁸ SUSIN, Luiz Carlos. *Teologia e Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 197.

⁷⁹ GOMES, Pedro Gilberto. *Comunicação social, filosofia, ética, política*. São Leopoldo. Ed. Unisinos, 1997. p. 63.

desta. Diante de situações novas, a sociedade se questiona, destrói uma explicação anterior sobre o assunto e busca novas explicações. Há que se interpretar as causas da crise:

[...] A sociedade é mais imoral que antes. O problema se explica pelo aumento a imoralidade. Também conota-se uma permissividade, uma tolerância social que conduz a uma permissividade desmoralizante. O lícito é confundido com o ético, de modo que o permitido chega a configurar o ético. Também existe uma amoralidade no mundo. O fundamento da crise de valores na sociedade é observada na sociedade de consumo que criou o homem-massa, a desintegração das relações humanas, a função manipuladora da palavra, a degradação do amor e da sexualidade, a violência como forma de relação inter-humana do espírito humano.⁸⁰

A crise de valores pela qual a sociedade passa atualmente merece um pouco mais de atenção. Primeiro, na definição do que é um valor. Roy H. May explica a definição de um valor:

É um complexo de ideias, imagens e símbolos. Impossível de ser definido com exatidão e unanimidade. Entendido como necessário para se viver corretamente (moralmente) e promover positivamente a vida humana. O valor funciona como guia e, ao mesmo tempo, como obrigação e ferramenta para forjar a vida. Está enraizado nas necessidades físicas, sociais e psíquicas, sendo produzido socialmente. Mas também integra o universo simbólico e assume uma dimensão transcendente e obrigatória.⁸¹

May continua explicando cada parte do que foi dito acima. Valor como complexo de ideias, para ele, significa que é a combinação de ideias e conceitos parecidos que podem ser separados ou juntados. Um exemplo é a justiça que reúne em si as ideias de equidade, liberdade e igualdade. Mas, como se vê, cada ideia dessa pode ser um valor separadamente. A conclusão disso é que um valor se explica por meio de outros valores parecidos. Isso significa ainda que, ao se citar um valor, provoca-se uma série de ideias e imagens que o representam.

Outro ponto importante: é impossível um valor ter unanimidade. Isso quer dizer que não é fácil achar concordância sobre a definição e significado. E que é que um guia social é necessário para promover a vida. Isso significa dizer o valor tem poder, mesmo que sua definição seja vaga. E tem poder porque orienta a vida social. Um valor está enraizado nas necessidades da vida, sejam físicas culturais ou psíquicas.

Para May valor é algo simbólico, não é algo natural. São produzidos socialmente. São frutos da cultura de um povo. Os valores são parte integral da cosmovisão ou universo simbólico de um grupo.

⁸⁰ GOMES, 1997, p. 67.

⁸¹ MAY, Roy H. *Discernimento Moral: Uma introdução à ética cristã*. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST, 2008. p. 78.

Assim como Pedro Gilberto Gomes, May enfatiza que acontece hoje uma crise no mundo. Embora afirme que o que existe não é uma perda de valores, mas a reconstrução de valores. É, sim, uma crise. Mas a crise pode ser útil para piorar ou melhorar uma situação. Depende do ponto de vista e de como usá-la socialmente. A crise mostra processos negativos e mostra também possibilidades. Tudo ao mesmo tempo. Ou seja, é positiva e negativa, ao mesmo tempo. Implica oportunidade e mudança. Conclui-se, portanto, que a crise de valores não é ruim no seu íntimo. Não é má necessariamente. Pode ser o caminho para uma reconstrução.

Diante desse quadro de crise, cabe à sociedade escolher essa reconstrução de valores. É urgente defender atitudes éticas e um dos canais para isso é a comunicação. Por meio de uma comunicação adequada se desenvolve uma sociedade sadia, livre e soberana. A sociedade é e está em comunicação e, por intermédio dela, dissemina a cultura. Portanto, sendo importante a comunicação, é demais importante também ter ética na comunicação. A comunicação social deve ser pautada nos valores éticos universais de justiça, bem comum, solidariedade.

Muitos comunicólogos defendem que só existe comunicação quando acontece o processo de *feedback* (retorno, resposta). Sem ele, há informação, mas não comunicação. Há que se entender a diferença entre informar e comunicar. Informação é enviar uma mensagem. Tem direção única, não precisa de resposta da parte de quem recebe a mensagem. Manda-se uma informação para a massa que a recebe. Comunicar, não. Exige retorno, resposta e diálogo entre comunicador e receptor. Portanto, muitas vezes, o que os jornalistas fazem é informar. E é justamente este quesito que deve ser pautado pela ética. Até por força de lei, hoje as pessoas têm direito à informação. Já tinham garantido o direito à liberdade de expressão. Agora, têm direito à informação.

Foi diante da liberdade de expressão que se fortaleceu a imprensa livre e soberana. As Nações Unidas defenderam, na Declaração Universal dos Direitos do Homem, o direito à expressão livre, sem censura. Aliás, a liberdade de expressão é algo antigo, vem desde a Revolução Francesa. Mas agora o brasileiro ganhou o direito à liberdade de informação, ampliando a democracia e a transparência no país. Um bom exemplo que se pode trazer é a lei de acesso à informação (Lei Nº 12.527, de 10 de novembro de 2011) que dispõe sobre os procedimentos a serem observados pela União, Estados e Distrito Federal para garantir o acesso do cidadão à informação. Aliás, acesso esse já previsto pela Constituição Federal no artigo 5º, inciso XXXIII; no artigo 37, inciso II do § 3º; e no artigo 216, § 2º.

Diante de um direito previsto por lei, nada pode negar ou dificultar isso à sociedade. Mas essa informação não pode ser de qualquer jeito. Nesse ponto entra a ética na comunicação e no agir do jornalista.

A informação deve ser correta, com todos os ângulos, para que os cidadãos possam formar opinião a respeito e, assim, melhor agir e decidir. Na relação com a ética, impõe-se que se fale do direito à informação, entendido como um direito fundamental.⁸²

Portanto, diante do direito à informação que a sociedade tem, cabe ao jornalista o dever de trabalhar com ética e tratar a informação (matéria-prima de seu trabalho) com completude, transparência, prestação de contas constante. A informação é bem social e não mercadoria a ser vendida. Os critérios de informação devem ser baseados na verdade, na ética e não nos que regem a circulação de uma mercadoria qualquer. Pode-se daí concluir também que os meios de comunicação não são e não podem agir como indústrias. São um serviço público. Devem prestar contas do que divulgam.

Mas o que se observa hoje é um conflito entre dois eixos: interesses particulares dos profissionais e o bem geral da comunicação enquanto bem público, serviço para a sociedade. Deve-se prevalecer a ideia de que a comunicação social é uma dimensão da pessoa. Por isso precisa passar pelo crivo ético. Diante dos fatos, Gomes questiona se a sociedade e os jornalistas serão capazes de responder a esse desafio de tratar a comunicação não como mercadoria, mas como bem social de direito de todos. Ainda comentando sobre as ideias de Gomes, pode-se dizer que existem valores éticos e metas que precisam ser realizados na comunicação social em geral e no Jornalismo, em particular. Gomes explica que o ser humano é a norma no uso dos meios de comunicação. Que essa comunicação deve primar pela humanização. Que é fundamental competência e responsabilidade na emissão e na recepção da comunicação. Que toda comunicação deve ser fundamentada na sinceridade e verdade porque por meio dela que se pode criar uma pessoa consciente e crítica. Todos esses valores devem ser defendidos e, mais do que isso, praticados pelos jornalistas. Gomes também enfatiza os aspectos negativos a serem evitados:

São eles o poder manipulador dos meios de comunicação social; vinculação indevida a grupos econômicos que controlam a comunicação; formação de uma

⁸² GOMES, 1997, p. 79.

peessoa adaptada ao sistema e sem senso crítico; e deformação de valores e frivolidade da existência.⁸³

Vários critérios éticos devem orientar o agir do jornalista. Primeiro, saber que as pessoas têm direito à informação e isso inclui o direito à verdade, à privacidade, ao segredo. Depois, deve ter em mente que há exigências objetivas da informação. Quais são essas exigências? O direito à informação traz, em si, o direito a que essa seja verdadeira. Mas nem sempre o profissional de comunicação respeita essa regra. Os erros comuns são, de acordo com Gomes: apresentação parcial de uma verdade; sensacionalismo (distorcer os fatos mediante a acentuação dos aspectos que provocam reações emocionais); silêncio (suprimir informações cujo conhecimento poria em dúvida o quadro ideológico sustentado pelos detentores dos meios de comunicação); mistura de fatos e juízo de valores (intercalar, dentro da descrição dos fatos, juízos de valor, seja dando um caráter de realidade, seja orientado o pensamento do usuário sem que esse possa dar conta disso); os vazios sugestivos (apresentar os fatos somente parcialmente de maneira que conduza a pessoa a que preencha esses vazios com sua imaginação. Isso é uma maneira de fazer a pessoa errar); rumores de base (dar fatos que não podem ser comprovados); manipular o passado (é mostrar o atual como uma repetição do passado quando este traz lembranças positivas ou negativas na mente das pessoas, gerando preconceitos); engano (falsear totalmente a realidade); generalizar fatos parciais (criando generalizações de fatos que são individuais, levando a pessoa a generalizar a informação recebida).

Outro ponto que o jornalista deve ser atentar é para a responsabilidade ética diante da opinião pública que é caracterizada pela opinião e costumes comuns. O trabalho do jornalista deve se basear na defesa da liberdade de expressão (que é o ponto de partida para a criação da opinião pública), deve favorecer que a sociedade crie opiniões e as expresse, deve evitar manipular essa opinião, deve levar em conta essa opinião comum quando for divulgar os fatos, deve saber entender a verdadeira opinião pública (a maioria nem sempre tem a verdade, a opinião da maioria nem sempre é a melhor. Não se pode acreditar nos modismo, sem raciocinar sobre eles). Um desafio para o profissional.

4.2 Ética e jornalismo religioso

Agir com ética é obrigação do jornalista. Ética no trato do conteúdo da notícia, seja em que editoria for. Então, na editoria de religião, o profissional deve agir com ética no olhar

⁸³ GOMES, 1997, p. 82.

sob o tema, na dispensa de preconceitos e caricaturas que só prejudicam um grupo religioso, deve fugir de superficialidades e cobrir de maneira mais profunda as pautas sobre fé, buscar especialização para escrever com propriedade sobre temas religiosos. Uma revisão na maneira de exercer o jornalismo ao falar sobre o universo religioso brasileiro e mundial. É urgente a imprensa adotar essa postura.

Afinal, apesar de a editoria de religião ainda ser pequena nas redações, a fé é crescente no mundo globalizado. Deus, deuses e crenças diversas devem ocupar mais espaço na imprensa, principalmente na TV. Isso se os profissionais quiserem realmente retratar as múltiplas facetas desse mundo pós-moderno.

Uma das saídas para se praticar jornalismo mais ético e mais aprofundado quando o assunto é fé é implementar a disciplina sobre religião no currículo das universidades. A ética já é cadeira cativa, assim como as artes. Mas não existe uma disciplina específica que trate sobre assuntos relativos à crença. Com essa iniciativa seria possível formar profissionais com mais informação para escrever e pensar sobre aspectos mais profundos e menos preconceituosos a respeito das religiões. Uma disciplina nessa área seria uma maneira de se estabelecer entre os estudantes, futuros formadores de opinião, um fórum de capacitação sobre assuntos ligados à espiritualidade.

CONCLUSÃO

Como foi analisado nos capítulos anteriores, o universo religioso brasileiro é múltiplo. Engloba todas as crenças, nas suas mais variadas linhas de credo. Também como foi analisado, comunicação é relevante e influencia a opinião das pessoas. Quando se junta comunicação e religião o resultado são informações sobre religião lançadas para a sociedade das mais diferentes maneiras, pelos mais distintos locutores. Sendo a comunicação de massa uma influência, a reportagem é uma ferramenta usada por esse meio, principalmente pelas TV, para fazer a informação chegar à sociedade.

Depois de analisar as 23 reportagens do Jornal Nacional e do Jornal da Record sobre religião e concluindo este trabalho, o que se observa e a crítica que se pode fazer aos jornalistas é que precisam entender melhor a cosmovisão religiosa do mundo brasileiro pós-moderno para produzir reportagens mais adequadas sobre o tema.

Há ainda muito espaço para que as editoriais de religião cresçam nas redações dos telejornais brasileiros e na imprensa em geral. Basta lembrar os números do censo 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística que mostram, como foi detalhado no capítulo 1, que atualmente 86,8% da população brasileira se declara cristã. Isso sem contar as demais crenças. Então, como pode ser percebido, há público para consumir reportagens religiosas, há assuntos para serem debatidos. Mas não basta produzir reportagens religiosas. É necessário pensar na qualidade e no aprofundamento desse conteúdo para melhor informar o povo brasileiro. É necessário maior preparo por parte dos comunicadores para redigir sobre o tema. Os jornalistas precisam entender melhor o mundo atual, conhecer suas particularidades, saber como a espiritualidade é vivida pelas pessoas para que possa produzir reportagens mais bem embasadas. Esse preparo passa pela formação acadêmica e pela atualização constante. Jornalistas precisam entender que a religião na era pós-moderna, ao contrário do que o teólogo Dietrich Bonhoeffer disse, não caminhou para a secularização.⁸⁴ A sociedade caminhou para exercer uma espiritualidade autônoma, longe da tutela das instituições religiosas, longe do domínio religioso. Precisam entender que a prática da espiritualidade na era pós-moderna tem características diversas, como explica o teólogo Afrânio Gonçalves Castro⁸⁵, entre elas algumas podem ser citadas como as pessoas avessas à tutela institucional. Religião não é institucional, as pessoas são religiosas sozinhas (autônomas no exercício de

⁸⁴ GRENZ; OLSON, 2003, p. 196-197.

⁸⁵ CASTRO, Afrânio Gonçalves. Palestra “*Espiritualidade na Pós-Modernidade*” proferida na Jornada Acadêmica de Teologia, na Faculdade Evangélica de Brasília, em 2 jun.2014.

suas crenças), estão com Deus, mas querem ficar longe da instituição igreja. A sociedade, por vários motivos e escândalos, não acreditam na igreja, na instituição, como acreditavam antes. Mas não deixou de crer em Deus. Por isso muitos não vão aos templos, mas confessam sua crença no sagrado de maneira autônoma, sozinhas, em suas casas.

Hoje mudou também a ideia do que é verdadeiro e falso. A sociedade procura o que funciona sem querer saber se é certo ou errado. A religiosidade tornou-se subjetiva, mudando a ideia do que é verdade e falso uma vez que agora não se está preocupado com a verdade absoluta, mas as pessoas querem saber o que lhes é agradável, o que pode saciar a ideia do que quero, agora, imediatamente. É a ideia do eu, do meu e do agora. A pessoa diz o que quer, do jeito que quer viver e crer e deseja resultados de sua fé imediatamente. Anteriormente, preocupava-se em clamar em nome de Deus. Cria-se que, mesmo sofrendo aqui na Terra, para o cristão estava garantido dias melhores na vida eterna. A pós-modernidade trouxe novo discurso religioso. Hoje o discurso é “eu determino”, “eu decreto”, pois a visão é de que Deus está em cada um de nós (cosmovisão da Nova Era), a ênfase está em concentrar em si mesmo. A religiosidade atual também tem um traço tribal. O fiel não se associa à instituição, mas a tribo onde pessoas se reúnem por afinidade. Se concordam com um tema e discordam das instituições tradicionais, criam grupos autônomos, com novas interpretações sociais e bíblicas, e se vinculam. Essa é a nova postura de uma sociedade tribal. A espiritualidade também é emotiva onde a religiosidade é baseada no sentimento e não no conhecimento. Por outro lado isso gera pessoas egoístas, individualistas, com uma religiosidade subjetiva onde se rejeita a reflexão racional e usa os sentimentos e desejos como critério de validação das coisas. As pessoas se deixam levar pelas emoções. Outra característica da religiosidade pós-moderna é o relativismo onde não há mais verdade absoluta. Também o pluralismo e a tolerância. Pluralismo no que concerne à multiplicidade de pensamentos e práticas. Não se contradiz o pensamento dos outros, ainda que esteja errado ou contrário ao que é interpretado pela maioria. Há complacência para com os diferentes modos de se pensar; aceitam-se todas as pessoas, todas as ideias, independente da orientação moral, dando a elas voz e poder. A máxima do cristianismo de mudança de vida quando se aproxima do sagrado perde o valor. Anteriormente, aceitavam-se as pessoas também. Não se excluía, mas se questionava padrões morais que não condiziam com a prática de vida cristã. Hoje isso mudou. Não há confronto de ideias, mas aceitação sem questionamento e sem mudança de vida que o evangelho do cristianismo diz gerar nas pessoas. Outro traço é o pragmatismo, pregando o prazer do aqui e agora. Passa pelo imaginário popular que o que se pode obter no momento é mais importante

do que os resultados em longo prazo. É a busca por satisfação do momento em detrimento do futuro, é a ênfase no resultado. As coisas são avaliadas em função do que podem produzir. Vive-se em uma época de mudança de hábitos, valores, concepções e práticas que marcaram os períodos históricos passados. A pós-modernidade trouxe um conjunto de novos valores na religião, na música, na literatura, na arte, nos filmes, nas novelas, no modo de vestir e no trato com as pessoas. Valores educacionais, sociais, políticos, morais e religiosos estão sendo contestados e outros estão sendo propostos para seu lugar.

Isso se reflete nas igrejas, nos meios de comunicação, nas praças, nas discussões acadêmicas. De certa forma, é refletida ou demonstrada nas reportagens. É nesse cenário que está o desafio de se fazer reportagens de cunho religioso. É esse cenário que os jornalistas precisam entender ao redigir sobre pautas religiosas, que os teólogos precisam explicar. Pois é nele que a sociedade está inserida.

É dentro desse complexo e múltiplo cenário sociorreligioso que o brasileiro vive. É ele que o jornalista deve entender. Reforçando o que disse Fernando Altemeyer Junior⁸⁶, a tarefa do jornalista é de muita responsabilidade ética. O bem comum deve prevalecer a fim de que uma informação seja repassada sem distorções, sem omissão e ainda compreendendo as múltiplas facetas sociorreligiosas que as pessoas vivenciam na atualidade.

É fundamental o profissional de jornalismo trabalhar regido por padrões morais e éticos uma vez que é um formador de opinião dentro de uma sociedade que passa, como disse Pedro Gilberto Gomes⁸⁷, por uma crise de paradigmas, uma crise de valores. É tempo de profundas e rápidas transformações e o pluralismo coloca as pessoas em estado de insegurança. A crise social ainda se agrava por causa da pobreza, individualismo, violência. É necessário discutir o sentido da crise ética ou moral. É necessário compreender essa crise que leva as pessoas a novos paradigmas, novas ideias, novos comportamentos, inclusive religioso. Crise ética não é só descumprimento de uma norma, mas o questionamento da validade desta. Hoje há questionamentos, inclusive de normas religiosas. Diante de situações novas, a sociedade se questiona, destrói uma explicação anterior sobre o assunto e busca novas explicações. É nesse cenário que se produz reportagens sobre a religião. É essa sociedade de consumo, onde o lícito é confundido com o ético que a fé é exercida, que a imprensa se posiciona. É nessa crise de valores sociais e religiosos que o ser humano comum está inserido

⁸⁶ SUSIN, Luiz Carlos. *Teologia e Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 197.

⁸⁷ GOMES, Pedro Gilberto. *Filosofia e Ética da Comunicação na Mídia*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006. p. 123.

com seus medos, desejos, sincretismo, busca por informação. Cabe ao jornalista, cabe ao teólogo, cabe também à sociedade debater e achar caminhos melhores para se viver, para produzir conteúdo que gere acréscido social, bem comum, que produza qualidade de vida para as pessoas. Qualidade de informação, qualidade de vida física, social, espiritual.

Outra crítica que se faz aos comunicadores é sobre o espaço pequeno que a religião ocupa na imprensa. Como isso é inegável, as igrejas buscaram alternativas comprando tempo na televisão, por exemplo, para veicular programas particulares. Mesmo jornalistas sendo simpáticos ao tema, o que se percebe é que a religião não é pauta frequente para a imprensa. Ainda são publicadas poucas reportagens religiosas, apesar de o Brasil ser místico, onde várias crenças são professadas. Mesmo assim, os assessores de imprensa têm dificuldade para conseguir uma publicação, principalmente em jornais, TV, revistas e sites de grande circulação.

Há falta de espaço nos meios de comunicação para assuntos sobre religião. E para piorar o cenário, um balanço deste trabalho mostra um quadro pouco alterado, que enfatiza ainda a hegemonia dos católicos quando o assunto é religião. Quando esse espaço na TVs, por exemplo, é aberto, há o predomínio de temas católicos em detrimento a outras religiões. Evangélicos são às vezes lembrados e demais crenças são esquecidas. É sabido que a Igreja Católica é a instituição religiosa mais lembrada. Todos os passos do papa, por exemplo, são noticiados. Também são noticiados os eventos que os católicos produzem. Apesar de muitos problemas sobre os católicos serem mostrados – como a pedofilia dos padres e escândalos financeiros no Vaticano, no geral são positivas as reportagens sobre a Igreja Católica. As demais religiões são esquecidas.

Quando a reportagem é sobre os evangélicos, os episódios divulgados são bons, mas escândalos e corrupções não são esquecidos. Existem poucas pautas mostrando realmente a vivência diária desse segmento religioso. Os pontos positivos, os bons exemplos dos evangélicos são pouco mostrados, ao contrário do que acontece nas pautas sobre católicos. Se o protestantismo tem pouco espaço, o budismo, o candomblé, o espiritismo kardecista, os ateus, os gnósticos têm menos ainda. O quadro acima mostra o desequilíbrio existente na imprensa e o vício em fazer poucas pautas ou temas repetitivos sobre muitas religiões. Mas que força a imprensa tem de formar uma imagem negativa sobre uma pessoa ou instituição? Que força tem para mudar a opinião pública quando publica fatos negativos sobre uma religião? A mídia só tem poder sobre as pessoas quando estas a legitimam.

Apesar de a imprensa mostrar muitas reportagens de escândalos, o que dissemina uma imagem negativa da religião, onde casos de corrupção e de pedofilia, por exemplo, são constantemente abordados (e raras vezes reportagens mostrando a parte positiva como os projetos sociais desenvolvidos em locais onde o Estado não alcança), os fiéis pouco mudam seu posicionamento em relação às suas crenças por causa das reportagens negativas. Ou seja, reportagens negativas não fazem com que as igrejas se esvaziem. Mas é inegável que socialmente ajudam a construir a imagem institucional.

Além de muitas religiões serem esquecidas pelos jornalistas, ainda existe o problema de distorcer os assuntos. Outra crítica que precisa ser feita à imprensa. O pesquisador e professor Leonildo Silveira Campos, doutor em Ciências da Religião, que estuda sobre religião e imprensa, enfatiza que a mídia impressa formou uma colisão contra a presença de certas formas de religião no espaço público – midiático e político. Apesar de estudar sobre religião em geral, o principal foco de Campos é sobre evangélicos e mídia no Brasil.

Pensando sobre se a pauta religiosa é distorcida ou renegada pela imprensa, ele acredita que as relações entre religião e mídia são dúbias, fragmentadas e assimétricas. Lembrando que no Brasil, desde o surgimento do pentecostalismo, em 1910/1911, os protestantes não chamaram a atenção da mídia, talvez por ter sido, inicialmente (o que não é mais esse retrato), uma religião de pobres e de operários. Mas depois a religião cresceu, foi lembrada pela mídia, mas desde sempre exteriorizada como sendo manifestação de fanatismo, principalmente por causa do rigor nos hábitos e costumes.

Outra causa de distorção da pauta religiosa na mídia é a presença de jornalistas que, por falta de um maior preparo para compreender o complexo mundo da religião, atém-se apenas na dimensão do espetacular e do escandaloso. Por sua vez, o avanço do secularismo, na família e na escola, afastou a atual geração de jovens jornalistas de algum tipo de tradição religiosa estruturada e sistematizada. Para alguns deles, o mundo da religião é algo misterioso, para outros, um mundo que merece tanta atenção quanto às cores dos cavalos que levavam os cavaleiros medievais para seus combates. A distorção pode não ser conscienciosa, mas simplesmente fruto da desinformação e de um processo cultural de renegação do religioso.⁸⁸

O que se percebe é um despreparo por parte dos profissionais da comunicação no trato de pautas religiosas. Ao comentar sobre jornalismo religioso, Niceto Blásquez faz considerações que ampliam o panorama que mostra a desinformação dos comunicadores.

⁸⁸ *Mídia e religião no Brasil*. Disponível em: C:\Users\Denise\Desktop\Documents\Denise Santana\Teologia\Teologia4 e 5 semestres\Projeto de Pesquisa\Pesquisa\Entrevistas artigos\Adital - Mídia e religião no Brasil_ Entrevista com Leonildo Silveira Campos.mht. Acesso em: 5 mai. 2012.

Diferenciando informação religiosa em geral e jornalismo religioso, Blásquez diz que o profissional que redige notícias religiosas deve agir com competência e responsabilidade exigidas de qualquer outro jornalista. A liberdade religiosa é um direito humano fundamental, que deve ser respeitado e tratado com a mesma objetividade e imparcialidade dedicada a qualquer outro assunto de interesse público. Essa ideia está refletida em todos os códigos deontológicos dos meios de comunicação social nos quais se fala da responsabilidade dos jornalistas em relação às instituições sociais básicas, quais sejam a família, a igreja e o Estado. O que é um código deontológico? É um tratado dos deveres profissionais de jornalistas e empresários de comunicação expressos sob a forma de código de conduta. Alguns códigos censuram até a falta de respeito às convicções ou crenças religiosas. Também a ridicularização dos cultos e de seus ministros. Na filosofia dos códigos, que na maioria dos casos é das Nações Unidas, a dimensão religiosa do ser humano é reconhecida como um dos direitos humanos fundamentais.

É claro que existem países não democráticos onde a liberdade religiosa não existe. Mas esse não é o caso brasileiro. Diante da censura e da proibição, diante da falta de liberdade de crença, de consciência e de culto, as pessoas são obrigadas a seguir a religião oficial do governo. Muitos jornalistas convertem-se às essas religiões, são ativistas religiosos e passam a defendê-la, sendo hostis a outros credos. O profissional que discordar da religião oficial pode sofrer punições como prisão, tortura e até a morte. Não existe liberdade religiosa e nem de informação. As Nações Unidas defendem a liberdade religiosa dos povos. Nesse quesito os brasileiros estão bem, pois aqui a liberdade é ampla, apesar de nem sempre a laicidade ser respeitada na sua essência. A Unesco busca cuidar da segurança de muitos profissionais em missão jornalística com alto risco para as suas vidas. Mas os avanços são poucos em países fechados porque não reconhecem o valor humano do sentimento religioso ou porque se nega o direito à liberdade religiosa. O que não é o caso do Brasil. Mas liberdade não significa que tudo funcione bem, que as pessoas são plenamente respeitadas em suas crenças.

Nos países que se reconhece a liberdade religiosa e o livre fluxo de informações, existe uma tendência bastante generalizada a tratar o fenômeno religioso de forma pouco objetiva e respeitosa. Prevalece a tendência a informar sobre aspectos anormais, e até mesmo patológicos da vida religiosa, esquecendo-se quase sistematicamente da vida religiosa normal e sã. Deve-se exigir de todo jornalista que trate de assuntos religiosos a mesma objetividade, imparcialidade e retidão de intenção da requerida para qualquer outro assunto de interesse público.⁸⁹

⁸⁹ BLÁSQUEZ, Niceto. *Ética e meios de comunicação*. São Paulo: Editora Paulinas, 1999. p. 302-303.

Quando a informação versa exclusivamente sobre assuntos da igreja e da vida cristã, os jornalistas deveriam possuir uma preparação adequada e um conhecimento mais especializado como acontece nas editorias de política, economia, meio ambiente, esporte, entre outras. Estudar Teologia ou Ciências da Religião ajudaria a escrever melhor sobre o mundo religioso. Mas não é isso que se observa entre os jornalistas que, na maioria, não têm especialização nessa área.

Líderes de igrejas reclamam dos meios de comunicação social. As autoridades eclesiais têm reservas quanto a eles. Alegam que os assuntos da igreja institucional são deliberadamente manipulados e abordados de forma incompleta. Isto é quase sempre verdade, com o agravante de que a maior parte dos profissionais carece de preparação adequada para tratar com competência dos assuntos religiosos. No geral, tratam deles aplicando categorias culturais impróprias, ou com entrevistas feitas com pessoas agressivas, que falam com desamor e às vezes com ressentimento sobre um segmento religioso. Obviamente, esses critérios não oferecem as garantias de objetividade e imparcialidade do jornalismo responsável.

Os media [...] oferecem às autoridades eclesiais oportunidades de ouro para se explicarem diante do público sobre os seus assuntos de forma direta e sem intermediários e comentadores manipuladores. Uma presença não excessiva, mas regular e oportuna de autoridades eclesiais ajudaria a melhorar a qualidade da informação em matéria religiosa e o público ficaria melhor servido.⁹⁰

Mas há avanços. Nem tudo está perdido. Apesar de acreditar que no Brasil a pauta religiosa é relegada a segundo plano, Campos acredita que houve mudanças na forma das grandes mídias tratarem as pautas religiosas, principalmente por causa do crescimento do segmento evangélico e a participação na política e mesmo como donos de grandes canais de televisão. Ele acredita que um veículo de comunicação social não pode ignorar as práticas religiosas de 1/5 da população brasileira.

Campos acredita que a briga entre a Record e a Globo, duas grandes empresas que dominam o mercado televisivo, influencia no posicionamento das mídias em relação às pautas religiosas. Ele mostra que nos anos de 1990, mudou-se a maneira como os evangélicos foram mostrados nas reportagens. “Entraram em cena a diversidade, o pluralismo e a competitividade. A lei da oferta e da procura se tornou hegemônica, transformando o campo religioso em mercado religioso, trazendo consigo a propaganda, as estratégias de marketing, a

⁹⁰ BLÁSQUEZ, 1999, p. 302-303.

disputa pela audiência, o controle da produção de mitos e a manipulação do imaginário coletivo”.⁹¹

Os grupos religiosos entraram em cena e começaram a participar da comunicação na TV. Esse fato mudou o cenário, tornou-o mais competitivo e fez que com paradigmas fossem quebrados e o preconceito sobre os evangélicos atenuado, mas não acabado.

Mesmo com críticas, a religião prefere permanecer sendo notícia. Campos acredita que “no atual cenário religioso, não se pode vislumbrar o que seria de uma determinada religião sem se fazer presente, ainda que de uma forma débil e frágil, na esfera pública midiática. Trata-se de uma questão de sobrevivência. Até porque, como dizia um falecido comunicador brasileiro Abelardo Barbosa: ‘quem não se comunica se trumbica’. Num cenário pluralista e competitivo, somente sobreviverá quem souber navegar nas tumultuadas águas da cultura da pós-modernidade.”⁹²

⁹¹ *Mídia e religião no Brasil*. Disponível em: C:\Users\Denise\Desktop\Documents\Denise Santana\Teologia\Teologia\4 e 5 semestres\Projeto de Pesquisa\Pesquisa\Entrevistas artigos\Adital - Mídia e religião no Brasil_ Entrevista com Leonildo Silveira Campos.mht. Acesso em: 5 mai. 2012.

⁹² *Mídia e religião no Brasil*. Disponível em: C:\Users\Denise\Desktop\Documents\Denise Santana\Teologia\Teologia\4 e 5 semestres\Projeto de Pesquisa\Pesquisa\Entrevistas artigos\Adital - Mídia e religião no Brasil_ Entrevista com Leonildo Silveira Campos.mht. Acesso em: 5 mai. 2012.

REFERÊNCIAS

A TV que assiste ao telespectador. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2013/05/26/interna_revista_correio_367799/a-tv-que-assiste-ao-telespectador.shtml>. Acesso em: 27 jul. 2014.

A TV que assiste ao telespectador. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/revista/2013/05/26/interna_revista_correio_367799/a-tv-que-assiste-ao-telespectador.shtml>. Acesso em: 27 jul. 2014.

Alto Paraíso chama reforços para receber pessoas que "fogem" do fim do mundo. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d39c8e6b718cdbdf525e67>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

ALVES, Rubem. *O enigma da religião*. 6ª edição, São Paulo. Editora Loyola, 2005.

Baixo número de cristãos no Japão faz Natal virar novo Dia dos Namorados. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/baixo-n-de-cristaos-no-japao-faz-natal- virar-novo-dia-dos-namorados.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

BARTZ, Alessandro; BOBSIN, Oneide; SINNER, Rudolf Von. Mobilidade religiosa no Brasil: conversão ou trânsito religioso?. In: REBLIN, Iuri; SINNER, Rudolf Von (Orgs). *Religião e Sociedade desafios contemporâneos*. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST, 2012.

Belém, na Cisjordânia, pode não ser a verdadeira cidade natal de Jesus. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d8e4fafc9b25e987dcc55>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

BLÁSQUEZ, Niceto. *Ética e meios de comunicação*. São Paulo: Editora Paulinas, 1999.

BOFF, Leonardo. *Ética e Moral: a busca dos fundamentos*. Petrópolis: Vozes, 2003.

Bolinho de arroz é tradição no Ano Novo do Bairro da Liberdade: Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/bolinho-de-arroz-e-tradicao-no-ano-novo-do-bairro-da-liberdade.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

CASTRO, Afrânio Gonçalves. Palestra “*Espiritualidade na Pós-Modernidade*” proferida na Jornada Acadêmica de Teologia, na Faculdade Evangélica de Brasília, em 2 jun.2014.

Censo mostra que mais de 15 milhões de brasileiros não tem religião: Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/29/censo-mostra-que-mais-de-15-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-religiao-homens-sao-maioria-diz-ibge.htm>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

Censo mostra que mais de 15 milhões de brasileiros não tem religião: Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/06/29/censo-mostra-que-mais-de->

15-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-religiao-homens-sao-maioria-diz-ibge.htm>. Acesso em: 13 nov. 2013.

Conheça igrejas centenárias que viraram cervejaria, livrarias e boate. Disponível em: <http://g1.globo.com/turismo-e-viagem/noticia/2013/11/conheca-igrejas-centenarias-que- viraram-cervejaria-livrarias-e-boate.html?fb_action_ids=621955187845581&fb_action_types=og.recommends&fb_source= timeline_og&action_object_map=%7B%22621955187845581%22%3A1429024413993069% 7D&action_type_map=%7B%22621955187845581%22%3A%22og.recommends%22%7D& action_ref_map=%5B%5D>. Acesso em: 11 nov. 2013.

Coral da Igreja Batista do Rio inova e emociona a plateia. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/coral-da-igreja-batista-do-rio-inova-e- emocionada-plateia.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

DEFLEUR, Melvin L.; ROKEACH, Sandra Ball. *Teorias da Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor. 1993.

Devotos vão a Juazeiro do Norte pagar promessas no Dia de Finados. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/11/devotos-vaio-juazeiro-do-norte-pagar- promessas-no-dia-de-finados.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

Dicas para propor e cobrir matérias sobre religião. Disponível em: <<http://ijnet.org/pt- br/blog/dicas-para-propor-e-cobrir-materias-sobre-religiao>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

Dicionário Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues- portugues&palavra=massa>>. Acesso em: 08 dez. 2014.

Dicionário Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues- portugues&palavra=deontologia>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

Dicionário Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues- portugues&palavra=%E9tica>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

Família Real britânica anuncia gravidez de Kate Middleton. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/familia-real-britanica-anuncia-gravidez- de-kate-middleton.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. 2ª edição, São Paulo: EDUSP FDE, 1995. p. 67.

FEDERAÇÃO NACIONAL DOS JORNALISTAS (JPDF). *Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros*. 2007. Disponível em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf >. Acesso em: 12 mar. 2013.

Festival Promessas reúne grandes nomes da música evangélica em São Paulo. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/festival-promessas-reune-grandes-nomes-da-musica-evangelica-em-sp.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

Fiéis lotam Igreja do Bonfim em Salvador para agradecer e rezar. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/feis-lotam-igreja-do-bonfim-em-salvador-para-agradecer-e-rezar.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

G1. *Número de casas com TV supera o das que têm geladeira.* Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/noticia/2012/09/numero-de-casas-com-tv-supera-o-das-que-tem-geladeira.html>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

GOMES, Pedro Gilberto. *Comunicação social, filosofia, ética, política.* São Leopoldo. Editora Unisinos, 1997.

GOMES, Pedro Gilberto. *Filosofia e Ética da Comunicação na Midiatização da Sociedade.* São Leopoldo: Editora Unisinos, 2006.

GOULART, Nathalia. *Hábito de leitura cai no Brasil, revela pesquisa.* Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/habito-de-leitura-no-brasil-cai-ate-entre-criancas>>. Acesso em: 27 jul. 2014.

GRENZ, Stanley J.; OLSON, Roger E. *A teologia do século 20 – Deus e o mundo numa era de transição.* Ed. Cultura Cristã. São Paulo, 2003.

GUIMARÃES ROSA, João. *Grande Sertão: veredas.* Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p. 15. (copiado de Bartz, Bobsin, Reblin e Sinner).

Inaugurado em São Paulo templo de Padre Marcelo Rossi. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/11/inaugurado-em-sao-paulo-templo-de-padre-marcelo-rossi.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

MAY, Roy H. *Discernimento Moral uma introdução à ética cristã.* São Leopoldo: Editora Sinodal/EST, 2008. p. 78.

MCGRATH, Alister E. *Teologia Sistemática, histórica e filosófica – uma introdução à teologia cristã.* São Paulo: Sheed Publicações, 2005.

Mídia e religião no Brasil. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Furo_%28jornalismo%29>. Acesso em: 09 dez. 2014.

Mídia e religião no Brasil. Disponível em: C:\Users\Denise\Desktop\Documents\Denise Santana\Teologia\Teologia\4 e 5 semestres\Projeto de Pesquisa\Pesquisa\Entrevistas artigos\Adital - Mídia e religião no Brasil_ Entrevista com Leonildo Silveira Campos.mht. Acesso em: 5 mai. 2012.

Milhares de peregrinos visitam Terra Santa nas vésperas do Natal. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/milhares-de-peregrinos-visitam-terra-santa-vesperas-do-natal.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

Natal é comemorado de diferentes maneiras em todo o mundo. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d8e52cb61ca99ec013c0b2>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

Natal é comemorado de diferentes maneiras em todo o mundo. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d8e52cb61ca99ec013c0b2>>. Acesso em: 09 dez. 2014.

Papa apela por paz na Síria e por fim de conflito na Terra Santa. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/papa-apela-por-paz-na-siria-e-por-fim-de-conflito-na-terra-santa.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

Papa perdoa o antigo mordomo acusado pelo vazamento de documentos do Vaticano. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d63264fc9b743b64b92f07>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

Papa perdoa o antigo mordomo acusado pelo vazamento de documentos do Vaticano. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d63264fc9b743b64b92f07>>. Acesso em: 09 dez. 2014.

Para perdoa ex-mordomo condenado por roubar documentos confidenciais do Vaticano. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/papa-perdoa-ex-mordomo-condenado-por-roubar-documentos-confidenciais-do-vaticano.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

Paulistanos viram turistas e lotam ruas da cidade para ver decoração de Natal. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d8d98bfc9b25e987dccb46>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

Presídio tenta recuperar alguns dos presos mais perigosos do país. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/11/presidio-tenta-recuperar-alguns-dos-presos-mais-perigosos-do-pais.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

Repórter fala sobre tradição dos curandeiros na África. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=509c2af792bb983dbd41383a>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

SOUZA, Jésus Barbosa de. *Meios de comunicação de massa*. São Paulo: Scipione, 1998.

SUSIN, Luiz Carlos. *Teologia e Comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

Tradição das Pastorinhas é mantida por mulheres no interior de Minas. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2012/12/tradicao-das-pastorinhas-e-mantida-por-mulheres-no-interior-de-minas.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

Tradicional almoço de Natal pode estar com os dias contados. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50da2b2a92bb5bfec6bfe24f>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

Turistas lotam Nova York para ver a decoração de Natal mais famosa do mundo. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50d8d9ebb61ca99ec013c0a0>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

Voluntários organizam almoço de Natal coletivo em cidades da Grande São Paulo. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/jornal-da-record/videos/edicao/?idmedia=50da2ad892bb5bfec6bfe24c>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

WOOD, Julia T. *Mosaicos da Comunicação: uma introdução aos estudos da comunicação.* Coleção Ática Universidade. São Paulo: Ática, 2008.